

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CIDADE DOS MORTOS OU LUGAR DOS VIVOS?

**Estudos das características das manifestações sociais e suas implicações
com a sociedade de União da Vitória a partir do Cemitério Municipal.**

Dissertação de Mestrado

LEONEL DE CASTRO FILHO

**CURITIBA
2007**

LEONEL DE CASTRO FILHO

CIDADE DOS MORTOS OU LUGAR DOS VIVOS?

**Estudos das características das manifestações sociais e suas implicações
com a sociedade de União da Vitória a partir do Cemitério Municipal.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.
Orientação: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho.

CURITIBA

2007

Castro Filho, Leonel de
Cidade dos mortos ou lugar os vivos? Estudos das
características das
manifestações sociais e suas implicações com a sociedade de
União da
Vitória a partir do Cemitério Municipal / Leonel de Castro Filho.
– Curitiba,
2007.
101 f.: il., tabs, grafs.

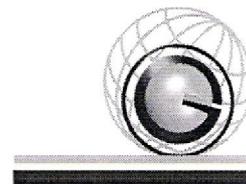
Orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná,
Setor
de Ciências da Terra, Curso de Pós-Graduação em Geografia.
Inclui Bibliografia.

1. Cemitérios – Aspectos sociais. 2. Cemitérios – União da
Vitória
(PR). 3. Representações sociais. I. Gil Filho, Sylvio Fausto. II.
Título.
III. Universidade Federal do Paraná.

CDD

304.23

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
– MESTRADO E DOUTORADO



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia, reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pelo candidato **Leonel de Castro Filho**, intitulada: “**Cidade dos mortos ou lugar dos vivos? Estudos das características das manifestações sociais e suas implicações com a sociedade de União da Vitória a partir do cemitério municipal**”, para obtenção do grau de **Mestre** em Geografia, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**.

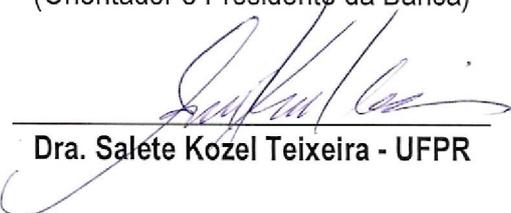
Após haver analisado o referido trabalho e argüido o candidato, são de parecer pela **APROVAÇÃO** da Dissertação.

Curitiba, 21 de agosto de 2007.

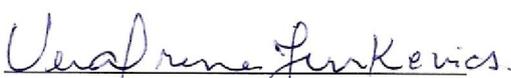
Nome e assinatura da Banca Examinadora:



Dr. Sylvio Fausto Gil Filho - UFPR
(Orientador e Presidente da Banca)



Dra. Salete Kozel Teixeira - UFPR



Dra. Vera Irene Jurkevics -tuiti

Não há dedicatória que se possa expressar aqui que não possa concebida pelo fato de que ao fazer esta pesquisa percebi-me tão idiossincrático, tão mim mesmo e, ao mesmo tempo, muito carente dos outros.

AGRADECIMENTOS

A minha mulher, Solange e às minhas filhas Bianca e Bruna que mostram seu orgulho no olhar e no falar, que olham um horizonte muito além do meu, pois crêem antecipadamente nas minhas conquistas e supervalorizam minha capacidade intelectual.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho, cuja participação com a orientação foi decisiva para que esta pesquisa pudesse ter os “ares” de um trabalho coerente e significativo, sem cair no comum e sem tornar-se excessivamente pragmático..

À Professora Mestra Fernanda Scalzavara: amiga que, conhecendo o meu trabalho no meio do caminho, não hesitou em fazer a leitura, conhecê-lo melhor e sugerir pontos importantes que, no fim, foram comuns ao que eu pretendia. Amiga que vibra comigo pela conquista do Mestrado, muito obrigado.

Ao professor Edson Ayres, Diretor da UNIGUAÇU, à professora Marta e à professora Jane, que me acolheram com carinho familiar naquela IES e incentivaram a conclusão do meu Mestrado. Talvez pelos seus inúmeros afazeres diários, não tenham percebido o quanto suas “alavancas” foram importantes.

À professor Leni T. Gaspari: primeiramente minha professora na Faculdade de História, depois amiga, depois colega e hoje admirada mestra da educação, não só no título, mas nas práticas da vida.

Ao professor doutor Michel Kobelinski, que me indicou para o Mestrado e fez contribuições importantes com seu conhecimento acadêmico.

À minha irmã Angelita, juntamente com meu cunhado Hilário e com meus sobrinhos Anderson e Ericson, que me motivaram, torceram por mim e foram até à linha da vitória observar meu feito.

À amiga Patrícia, Secretária da Futurus; ao professor Ilton Martins, da FAFI; ao professor Fagundes, da FAFI; aos Secretários do Mestrado Zem e Zeni. A todos aqueles que, neste lampejo de felicidade, fogem-me à lembrança, mas que vivem nas minhas emoções mais rotineiras e, por isso, as mais necessárias e importantes.

Todos nós, habitualmente, atribuímos sentido a lugares, espaços, e paisagens em nossa vida diária – de diferentes maneiras e para diversos propósitos – e “estas geografias populares” pessoais e públicas são tão importantes para a condução da vida social quanto nossa compreensão de (digamos) biografia e história. Quando solicitados a pensar crítica e sistematicamente acerca da vida social e do espaço social, contudo, geralmente precisamos nos afastar desses lugares-comuns tomados como premissas garantidas. (Gregory, 1996, p.63).

RESUMO

Propomos, com a presente pesquisa, explicar o espaço do cemitério sob o ponto de vista das representações sociais. Para tanto, realizamos pesquisas de levantamento teórico, de campo – com fotografias, entrevistas e investigação, para atingir nossos objetivos, que podem ser sintetizados em: apresentar as representações sociais no cemitério, entender e conhecer os fatores sociais e culturais da cidade de União da Vitória na reprodução de seus costumes e de seus interesses no cemitério. A pesquisa, assim, delineou-se num trabalho voltado para a devida compreensão do Cemitério Bom Jesus, de União da Vitória (o Cemitério Municipal) como espaço de representações dos sujeitos sociais, seus discursos, suas ações e a sua forma de representarem-se na sociedade, bem como das manifestações simbólicas que interagem com o cotidiano. Assim é que o termo “cemitério”, cunhado nas representações sociais, neste trabalho, trata-se de um local que permite a preservação de traços da cultura e da sociedade. Há no cemitério, desta forma, um campo profícuo para a pesquisa da vida social e suas representações, já que o cemitério é um local que se mostra permanente na relação entre mortos e vivos, entre as relações representativas ou simbólicas e as condições objetivas ou subjetivas dos atores sociais. Há, também, os aspectos de suas experiências compartilhadas, a rede de comunicação, pensamentos e idéias que se fazem pelas representações sociais. A necrópole que estudamos, é um espaço das ações humanas de maneira sistêmica que permite uma visão geral e interativa da realidade.

Palavras-chave: Cemitério, Representações Sociais, Sociedade e Cultura.

ABSTRACT

We consider, with the present research, to explain the space of the cemetery under the point of view of the social representations. For in such a way, we carry through research of theoretical survey, field - with photographs, interviews and inquiry, to reach our objectives, that can be synthesized in: to present the social representations in the cemetery, to understand and to know the social and cultural factors of the city of União da Vitória (Paraná – Brasil) in the reproduction of its customs and its interests in the cemetery. The research, thus, delineated in a work directed toward the had understanding of the Cemitério Bom Jesus, as space of representations of the social citizens, its speeches, its action and its form to be imagined in the society, as well as of the symbolic manifestations that interact with the daily one. Thus it is that the term "cemetery", brother-in-law in the social representations, this work, is about a place that allows the preservation of traces of the culture and the society. It has in the cemetery, of this form, a field very important for the research of the social life and its representations, since the cemetery is a place that if it shows permanent in the relation between died and living creature, between the representative or symbolic relations and the objective or subjective conditions of the social actors. It has, also, the aspects of its shared experiences, the net of communication, thoughts and ideas that if make for the social representations. The necropolis that we study, is a space of the actions human beings in structural way that allows a general and interactive vision of the reality.

Key-words: Cemetery, social representations, society and culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1: Jazigo de família tradicional.....	33
Fotografia 2: Jazigo “em abandono”.....	33
Fotografia 3: O Morro do Cristo de União da Vitória.....	35
Fotografia 4: Foto do Cemitério com o Morro do Cristo ao fundo.....	35
Fotografia 5: Foto aérea do Morro do Cristo e da cidade.....	35
Fotografia 6: Periferia do cemitério.....	37
Fotografia 7: Jazigo da Família Amazonas.....	46
Fotografia 8: Detalhe do pórtico da Família Amazonas.....	46
Figura 1: Mapa identificando União da Vitória e região.....	47
Fotografia 9: Visão aérea do Cemitério e de parte do centro da cidade.....	49
Fotografia 10: Imagem do Cristo Redentor na entrada do Cemitério.....	50
Fotografia 11: Estátua do anjinho.....	51
Fotografia 12: Placa de trânsito.....	52
Fotografia 13: Placa de orientação de saúde pública.....	52
Fotografia 14: Foto aérea da Praça Coronel Amazonas.....	61
Fotografia 15: Jazigo á venda.....	62
Fotografia 16: Jazigo á venda.....	62
Imagem 2: Título de propriedade de terreno no cemitério.....	63
Fotografia 17: Visão geral do Mausoléu do Expedicionário.....	64
Fotografia 18: Estela identificando o mausoléu do expedicionário.....	64
Fotografia 19: Túmulo com identificação de sincretismo.....	65
Fotografia 20: O cemitério e a cidade ao fundo.....	73
Fotografia 21: Túmulo de Zilda Santos.....	76

Fotografia 22: Detalhe do túmulo de Zilda Santos.....	76
Imagem 3: Jornal Caiçara com reportagem do "Caso Zilda"	78
Fotografia 23: Túmulo de parente de entrevistado.....	84
Fotografia 24: Mausoléu da Família José Jorge.....	85
Fotografia 25: Túmulo de parente de entrevistado.....	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O CEMITÉRIO COMO FONTE REVELADORA DAS PERSPECTIVAS SOCIAIS.....	13
2 O MÉTODO NA PESQUISA: DIMENSÕES DE ANÁLISE DO CEMITÉRIO NO CONTEXTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	23
2.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA NA DINÂMICA SOCIAL DO CEMITÉRIO.....	25
3 O CAMPO DA PESQUISA: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.....	40
3.1 ASPECTOS GERAIS ACERCA DA MORTE, DO ENTERRAMENTO E DOS CEMITÉRIOS	40
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CEMITÉRIO “BOM JESUS”	45
3.2.1 O Cemitério e a Cidade de União da Vitória.....	45
3.2.2 A localização do Cemitério Municipal	48
3.2.3 Características Gerais do Cemitério Municipal de União da Vitória.....	49
3.2.4 Cemitério e Lei de Zoneamento: breve analogia entre as questões sociais comuns para a cidade e para a necrópole.....	53
3.3 A QUESTÃO SIMBÓLICA NO CEMITÉRIO E A SOCIEDADE UNIÃOVITORIENSE.....	56
4 À PRÁTICA DA PESQUISA: O CEMITÉRIO COMO FONTE REVELADORA DA SOCIEDADE	67
4.1 NO “ÚLTIMO FIM DAS VICISSITUDES HUMANAS” AS MANIFESTAÇÕES DE REPRESENTAÇÃO DA VIDA.....	70
4.2 AS IMPLICAÇÕES DA LOCALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO.....	72
4.3 A REPRESENTAÇÃO NA EREÇÃO DOS TÚMULOS: ENTRE CRENÇAS, GOSTOS E IDÉIAS.....	76
5 À GUIA DE CONCLUSÃO	87
FONTES PRIMÁRIAS CONSULTADAS	93
REFERÊNCIAS	97
ANEXO – Croqui do Cemitério “Bom Jesus”.....	101

1 INTRODUÇÃO: O CEMITÉRIO COMO FONTE REVELADORA DAS PERSPECTIVAS SOCIAIS

Neste trabalho o cemitério será mostrado como um espaço¹ de expressão da cidade². Nosso objeto de estudo será o Cemitério Municipal de União da Vitória. Para isto devemos prestar atenção nas facetas que cumula e como as atividades e realizações sociais apresentam-se no contexto tumular, de forma a entender como a necrópole reproduz a sociedade³, e, com igual fidelidade, o traçado da cidade. É preciso, então, compreender ainda mais a questão da morte, e suas conseqüências.

O cemitério municipal de União da Vitória contextualiza a vida urbana, o cotidiano e a configuração da cidade entre os sentimentos de morte, os sentimentos religiosos, o misticismo, o temor diante do sobrenatural, a curiosidade artística ou o sentimento de terror e de fragilidade da vida diante do local de enterramento dos mortos: ele é o resultado da produção do espaço, onde se percebe a história do município e a história individual e cotidiana.

Nas diferentes realidades sociais coexistentes em União da Vitória, em coerência com a diversidade étnica, propomos com esta pesquisa aprofundar-se e engajar-se no tema para que possamos compreender as histórias do cotidiano e suas produções no espaço vivido, privilegiando as transformações espaciais, sociais e culturais da cidade.

Importante pressuposto, para isso, é o de que o cemitério deve ser visto com um olhar crítico, para que se possa revelar, indagar e entender bases da cultura do povo que representa a sua sociedade, bem como as perspectivas de evolução

¹ Muito embora existam as definições segundo diversos autores, optamos por esta: “O espaço é um fator da evolução social, [...] uma instância da sociedade, assim como a instância econômica e a instância ideológico-cultural. Isso significa que, como instância, ele *contém* e é *contido* pelas demais instâncias [...] a essência do espaço é social”. (Cf. SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985, p.1).

² Neste texto procuramos manter o termo “cidade” de acordo com o que segue: “O conceito de cidade tende a ser uma aproximação abstrata da explicação da forma espacial que adquire o processo de produção. A cidade é a inscrição histórica do trabalho social no espaço. No seu interior e fora dele, atividades, mercados, produtos e mobilidades interagem com os conteúdos de sua espacialidade, definindo sua lógica, estrutura, dinâmica e relações”. (Ver em <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/geo13d.htm>, acessado em 18 Dez 2006).

³ O uso do termo **sociedade** no nosso trabalho será o de “[...] todo grupo de pessoas que vivem e trabalham juntas durante um período de tempo suficientemente longo para se organizarem e para se considerarem como formando uma unidade social, com limites bem definidos”. Neste conceito, percebemos que a sociedade prescinde agregação de pessoas que vivem num espaço e tempo comuns. (Cf. LINTON, R. **O homem, uma Introdução à Antropologia**. 10 ed. Trad. Lavinia Vilela. São Paulo: Martins Fontes, 1976, p. 107).

urbana⁴. É o local de interações sociais, representa a sociedade vivente e expressa indícios da cidade.

Nossos estudos iniciaram-se com os recursos das referências bibliográficas, os quais nos permitiram o delineamento inicial do tema para formularmos nossos pressupostos e nossos objetivos para a pesquisa. Na seqüência, além de realizar “visitas” e verificar “*in loco*” as dimensões da estratificação social, procuramos nas fontes os dados necessários para estimular ainda mais a pesquisa em seu todo.

Assim, a pesquisa tem por objetivo geral:

- Explicar as representações sociais no cemitério e por que esse espaço não pode ser visto somente como depositário dos mortos, já que é um lugar de constante presença dos vivos e de sinais de vida, bem como os seus túmulos estão sobre a terra e erigidos, entre outras coisas, para apreciação dos viventes.

De acordo com esse objetivo e levando em conta os pressupostos levantados, podemos definir como objetivos específicos desta dissertação os seguintes:

a) Entender as condições sociais e culturais da cidade de União da Vitória, por considerar que o cemitério, enquanto reproduz os costumes e os interesses comuns da sociedade, também se apresenta como contíguo à cidade, isto é, continuação e parte física dela.

b) Conhecer as representações da sociedade em relação ao cemitério e que são parte do senso geral ou cotidiano. Para tal, faremos uma leitura, a partir das representações sociais, do estilo dos túmulos, dos epitáfios que homenageiam heróis ou determinam condições sociais de famílias, que enaltecem o poder local ou que estimulam crenças paralelas às crenças ditas “oficiais”.

c) Contribuir para os estudos da sociedade local, seus vínculos e para a compreensão, com isso, dos indivíduos no contexto social, seus valores e suas crenças, os seus costumes e as suas representações.

Para tanto, desenvolvemos esta pesquisa a partir de leituras pertinentes ao tema, trabalho de campo (com entrevistas e fotografias), o que formou um conjunto que permite elaborar uma leitura social e cultural a partir das manifestações da sociedade.

⁴ Como utilizamos o conceito de espaço de Milton Santos, voltamos a ele para definir **lugar**: “O lugar é o objeto ou conjunto de objetos. [...] Cada lugar, ademais, tem, a cada momento, um papel próprio no processo produtivo”. (SANTOS, 1995, P.3).

A idéia de enterrar os mortos é um fato antigo, desde o aparecimento do homem⁵. As pessoas, muito embora tenham a tendência de negar a morte, procurando dissimulá-la de várias maneiras, a mantêm como um rito de passagem⁶ e a tornam marco importante a cada funeral que fazem de seus membros.

Nisto reside que a morte é entendida com preocupação extrema e temor⁷ pelo ser humano em todos os processos históricos⁸ das civilizações. É um tema intrigante e que persiste mesmo modernamente, muito embora os seus modelos sejam diferentes nas sociedades contemporâneas⁹ em relação aos rituais da antiguidade.

Hoebel (1961) escreve que o sepultamento dos mortos sempre foi um rito cerimonioso desde as primeiras formações de pequenos grupos de humanos na pré-história, quando as covas eram marcadas por uma pilha de pedras, árvores, uma ou mais pedras altas; acredita-se (ainda segundo o recém citado autor), que tais pontos de enterramento, demarcados, tenham dado origem aos pontos coletivos e permanentes que ainda hoje existem e onde são inumados os mortos.

Depreende-se da leitura acima que esses pontos coletivos serviam como locais de encontros dos vivos e eram sinalizadores das moradas dos espíritos

⁵ Para fins didáticos os estudos arqueológicos apontam o aparecimento do homem por volta de 25.000 a.C., no Paleolítico Superior. (Cf. AQUINO, R.S.L. **História das Sociedades**: das sociedades primitivas às sociedades medievais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980).

⁶ Segundo Ullmann (1980) o rito de passagem é uma celebração que põe em relevo a mudança de um estado para outro e diz respeito a eventos marcantes da vida. Coulanges (2002, p.13) refere-se à morte compreendida não como a “aniquilação do ser, mas como uma simples mudança de vida”. (sugerimos, para um aprofundamento do tema “rito de passagem e morte”, ler: ULLMANN, R. A. **Antropologia Cultural**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia S. L. de Brindes, 1980; COULANGES, F. de. **A Cidade Antiga**. Trad. Jonas C. Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999).

⁷ Bellomo (2000, p. 68), a respeito de tal temor escreve: “A morte é tão temida porque é algo desconhecido e que vai contra a própria lógica de nossa evolução na Terra. Por que deixar de existir justamente no momento em que estamos mais maduros, experientes, com mais vivência para enfrentar a realidade e compreender nossa existência?” (BELLOMO, H.R. (Org.) **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: Edipucrs, 2000).

⁸ Lloyd (1995) explica que os processos históricos condicionam as ações humanas e os acontecimentos históricos. Em determinado local e tempo, esses processos produzem as estruturas sócio-históricas. Em geral os processos históricos têm como objetos de interligação: as ações humanas, as transformações das sociedades no tempo, suas intenções e sentidos e as transformações nas estruturas das sociedades. (conforme LLOYD, C. **As estruturas da história**. São Paulo, Zahar, 1995). Por outro lado, é importante dizermos que, muito embora falemos em processos históricos, não podemos que as etapas sucessivas da sociedade tenham causalidade; “É impossível conceber como é que o estado a que chegou a civilização num determinado momento poderia ser a causa determinante do estado seguinte. [...] O estado antecedente não produz o conseqüente, sendo a relação entre eles meramente cronológica. [...] Admite-se habitualmente, é verdade, que a evolução prosseguirá no mesmo sentido do passado; mas isto é um mero postulado. (ver em DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003, p. 126).

⁹ Usamos o termo “sociedades contemporâneas”, no plural, para designar as diferentes sociedades do século atual, evitando uma compreensão unificada em torno do mundo ocidental apenas. (Nota do Autor).

ancestrais. A sepultura servia, também, de referência para as cerimônias que expressavam a necessidade de garantir tranquilidade ao morto no além-túmulo, isto é, na vida que se supõe existir depois da morte. Mais importante ainda era a garantia para os vivos de que o morto, sendo bem tratado, não retornaria ao mundo dos vivos a fim de atormentá-los ou requerer cuidados que não lhes poderiam ser dados.

Desse modo, explica-se por que, nas sociedades primitivas (ainda em Hoebel), os funerais tinham cinco funções básicas, que são: promover a participação coletiva, para mostrar crença na imortalidade; separar a alma do corpo para que seja realizada uma transição segura para a eternidade; reajustar a sociedade e regularizar as perturbações emocionais – considerando que sempre causa pesar a morte de um de seus membros; iniciar a redistribuição de riquezas, considerando os despojos do falecido, que já são avaliados no momento do funeral; demonstração de que a vida tem esplendor e colorido, mesmo diante do irrefutável fato da morte.

Assim, a tendência sempre foi mostrar que os mortos precisavam encontrar o seu lugar, enquanto os herdeiros, para que isto acontecesse realmente, deveriam cultivar a lembrança deles, pois haviam recebido um nome, uma condição e uma lembrança. A gratidão não apenas era uma reflexão conseqüente, mas também uma forma de administrar o problema do medo do retorno e da vingança do falecido.

Le Goff e Schimidt (2002, p. 245) escrevem que na Idade Média a morte era considerada um instituto das relações sociais, tinha importante papel na constituição dos grupos (como das comunidades da Igreja, de famílias ou de confrarias), de forma que o tratamento aos defuntos constituía uma prática necessária à reprodução dos costumes da comunidade.

Desse período, a sociedade moderna ainda mantém alguns rituais de velórios e funerais que vinculam, igualmente, uma necessidade de ligação à prática consuetudinária no tratamento dos mortos: como a câmara ardente, o funeral com séqüito, as missas para o falecido. O próprio Le Goff comenta que a instituição das missas pelos mortos e a existência de um purgatório (que ele chama de “geografia do além”) são invenções da Igreja Medieval, as quais não perderam sua vitalidade na sociedade hodierna.¹⁰

¹⁰ Trata-se de uma visão metafísica, evidentemente para uma explicação histórica de um momento de intervenção e poder secular da instituição cristã medieval na vida das pessoas, de forma que não podemos confundir o “o além” como um espaço geográfico. O texto na íntegra, a propósito, encontra-

Entendemos que a idéia da sociedade medieval em relação ao tratamento que se dá ao morto perpetuou-se em vista de que se intentava, isto é, conservar a idéia de imortalidade, de forma a não falar da morte como um fim. Dentre as compensações almejadas, estão as de que a vida tem que ser eterna e a morte tem que ser “expulsa da sociedade”.

Silva (2000) explica que essa preocupação com os mortos em corpo e espírito foi mantida pela Igreja (em cujos pátios se construíam os cemitérios) até o século XVIII, época do iluminismo¹¹, momento em que se discute a população de enterrados nos terrenos das Igrejas, já que havia superlotação, partindo-se para idéia de construção de cemitérios, o que implica no paulatino desaparecimento dos chamados “campos-santos”¹², mesmo se ligados a um costume não apenas religioso como, também, laico.

Desta forma surge o termo “cemitério”, o qual tem várias outras denominações, como necrópole, terra santa e, ainda que não seja em terreno de Igreja, também campo-santo. O termo original vem do latim *coemeterium*, que deriva, por sua vez, de *cínos* e *renor* (doce e mansão, respectivamente). Literalmente é dormitório e denota o lugar de repouso. Estritamente é local de sepultura, de inumação – ou enterramento. Usaremos, também, o termo terreno cemiterial, mais um sinônimo entre os já citados.¹³

Santos (1850, p. 298) acrescenta o termo “adro”, o que nos fez recorrer aos dicionários atuais, onde vemos que seu significado é o espaço numa Igreja onde um padre pode, a seu pedido, ter um túmulo erigido e ali ser enterrado.¹⁴

Os ritos de enterramento são respostas à indelével marca da morte nas consciências das pessoas. Mais ainda: tratam da preservação de traços da cultura

se em Le Goff, J., verbete “Além”. In: LE GOFF, J.; SCHIMITT, J.C. (Coord.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. V. 1. São Paulo: Edusc, 2002, p. 22-26.

¹¹ Segundo Aranha e Martins, trata-se de um movimento racionalista do século XVIII, liderado pelo filósofo Kant e que consiste, basicamente no poder de reorganizar o mundo. (ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando** – Uma introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1986, p. 428).

¹² Termo da Igreja Medieval para os cemitérios, considerando que naqueles lugares somente eram enterradas pessoas consideradas de conduta verdadeiramente boa e de fé para os conceitos religiosos da época. (Cf. SANTO AGOSTINHO. **A verdadeira religião. O cuidado devido aos mortos**. São Paulo: Paulus, 2004).

¹³ Pode-se ler mais a respeito do tema em: MEIHY, J.C.S. Tempo e morte nos cemitérios do Vale da Paraíba. São Paulo: Santuário, 1983; e SILVA, J.A.F., **Tratado de Direito Funerário**. São Paulo: Método Editora, 2000, Vol. II, Cap. II, “Regime Legal das Necrópoles”, Seção I: Caracterização dos Cemitérios, p. 341, *passim*.

¹⁴ Foi especificamente no dicionário Michaelis – UOL que encontramos as seguintes definições para o termo *adro*: “s.m. 1. Terreno em frente ou em redor de uma Igreja. 2. Cemitério em Terreno dessa natureza.”

de uma comunidade e de instrumentos que permitem assegurar a existência humana como algo que transcende a morte.

Sabemos que, quando alguém falece, todos os seus parentes, amigos e conhecidos – sejam os bem próximos ou os mais distantes - são comunicados. Alguém faz a comunicação imediata, pessoalmente ou por telefone. Quem recebe a comunicação, por seu turno, a retransmite a outros parentes e amigos comuns. Ainda existe o costume – como é o caso em União da Vitória – de que se avise a situação de família enlutada através de impressos ou de comunicações orais na mídia.¹⁵

Durante o velório¹⁶, há o procedimento generalizado de assinar o “Livro de Presenças” – no qual se pode registrar a falta de alguém, justificando os motivos do seu não comparecimento. Considera-se que a presença transmite proximidade, carinho e consideração, mesmo quanto faltam palavras. A apresentação de pesares faz parte da etiqueta social e é feita apenas aos familiares do falecido ou a quem esteja, no momento, mostrando maior proximidade com ele – como um grande amigo, por exemplo.

O chamado cortejo¹⁷ revela-se como importante acontecimento social, já que as pessoas costumam realizar um grande acompanhamento do falecido desde o local do velório até o local de inumação. Quando a capela mortuária fica longe do cemitério, isso acontece com uma comitiva de veículos. Se a capela é bem próxima do local de enterramento (assim o é no cemitério que pesquisamos), faz-se um breve acompanhamento a pé. Algumas famílias, principalmente da roça, ainda realizam os velórios na casa da pessoa que faleceu, de forma que o cortejo fúnebre segue da casa do falecido ao cemitério, mesmo que fique distante.

Quando se trata de sepultamento de indigente, isto é, de alguém que, em condições de miséria e sem esclarecidos vínculos familiares venha a falecer, não há

¹⁵ Normalmente essa comunicação menciona o nome, a idade, a profissão, os títulos do falecido e os parentes diretos – esposa ou esposo, filhos, netos – que tenha deixado. Segue-se o convite para o velório e para o funeral. (Nota do Autor).

¹⁶ Aqui no sentido (óbvio) de “guardar a pessoa morta”. Mas nos dicionários existem mais dois significados para o termo que devemos deixar claro na presente leitura: velório é também designação para uvas miúdas e inferiores, bem como para pequenos enfeites – como colares ou anéis – feitos de contas. (Nota do Autor).

¹⁷ Mais uma vez recorreremos aos dicionários para dizer que a palavra cortejar significa “lisonjear ou cumprir”. Também significa “saimento”, o que cabe ao cortejo fúnebre, que é o acompanhamento do morto ao seu último local, em sinal de respeito. (Nota do autor).

o cortejo, mas o processo de enterramento segue um ritual de respeito para com morto.

A morte é, pois, um fato vinculado à sociedade, já que quando o homem morre (mesmo que solitário, ou na condição de indigente) ele está integrado socialmente. Ela é, assim, motivo de atitude questionadora a respeito da razão do ser humano no mundo e impulsiona o processo social, ou seja, as manifestações coletivas de pessoas que dividem os costumes, a cultura e a história.

O cemitério, por isso, torna-se um importante marco de representação da vida social, pois ele não é apenas o depósito do corpo jazido, mas a mais profunda manifestação humana de consideração à memória do morto e ao acontecimento da morte. Muito embora a afirmação pareça paradoxal, podemos compreender que não há como desvincular a condição do morto da preocupação e da consternação dos vivos em relação a seu próprio futuro e suas relações com a morte.

Desta forma, as necrópoles são a própria história da sociedade e sintetizam-se como locais de vida. Na capela mortuária, extensão do cemitério, se antes se falava em “velas para o morto”, em um funeral, hoje se diz que há a preparação da “câmara ardente” como ritual preparatório para o cortejo fúnebre¹⁸.

Entendemos até aqui que, nas práticas funerárias, o cemitério tem sido usado para entender a organização social e política de uma coletividade, partindo-se do pressuposto de que as representações sociais estão explicitadas nos rituais envolvidos na disposição dos mortos. Em sociedades complexas¹⁹ a localização espacial dos cemitérios e do espaço ritual comparados ao local de moradia, é entendida como refletindo concepções simbólicas e políticas.

Sobre o território do cemitério estão os sepulcros, túmulos e mausoléus erigidos para mostrar àqueles que ali vão, de visita ou a passeio (pois também o é espaço de socialização²⁰), o legado, o bem e a tradição dos vivos. Ali está a representação da continuidade daqueles que morreram, de forma que se retiram importantes fontes de conhecimento histórico, identificando valores, crenças, estruturas sociais ou questões econômicas.

¹⁸ A expressão “câmaras ardentes” é comumente utilizada pelas empresas que prestam serviços funerários. Trata-se do compartimento onde ficam as velas. (Nota do Autor).

¹⁹ Segundo Linton (1976, p.107) “são complexas as sociedades completamente organizadas e estabilizadas, ao contrário das sociedades simples, que possuem uma cultura toda sua e sem contatos perturbadores com o mundo exterior”. Cf. LINTON, R. **O Homem. Uma Introdução à Antropologia**. 10 ed. Trad.: Lavínia Vilela. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

²⁰ Leia-se, no capítulo 3, o aprofundamento a respeito de tema “espaço de socialização.” (N. do A.)

Bem importante é salientar que a morte é significativa também na emoção que inspira em cada vivente. No caso do estudo dentro do cemitério, passamos a entender que ela não existe como uma situação somente psíquica, mas as construções tumulares representam a vida que se vive socialmente. O cemitério faz parte do cotidiano e a morte existe, de forma física, somente nos cadáveres sob o chão, no interior dos túmulos ou das gavetas hermeticamente fechadas.

Esse quadro mostra as nuances de vida e das representações da sociedade a partir dos herdeiros que fazem permanecer o símbolo da família e do morto nas “literaturas de lápide”, nas estelas tumulares artisticamente trabalhadas, nos mausoléus²¹ edificadas com suntuosidade e na localização de túmulos dentro da necrópole.

As condições de túmulos e de mausoléus revelam as paradoxais situações dos sujeitos na sociedade, quando vivos, pois mesmo depois de mortos, na memória de seus descendentes, esses sujeitos parecem intervir no espaço social e influenciar seus próximos (parentes, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, etc.).

Percebemos, neste ponto, possibilidades de estudos na propagação da cultura e no entendimento do espaço vivido pelos homens. Conforme pesquisamos, os túmulos definem grande parte do modo de vida social e refletem condições de entendimento das manifestações de determinados grupos e suas considerações a respeito da sociedade em que vivem. Foi esta uma das razões que nos levaram a analisar o Cemitério Municipal da cidade de União da Vitória, no Estado do Paraná, denominado oficialmente Cemitério Bom Jesus.

Nesse Cemitério verificamos as relações sociais que se revelam tanto nas construções tumulares como naquilo que representam para as amplitudes globais da cidade e das relações que se mostram estabelecidas. Apesar da separação física entre o mundo dos mortos com o mundo dos vivos, entendemos que há uma relação de coexistência, que torna solidários os dois mundos.

Diante disso, outro pressuposto que apresentamos é de que se vê, pela forma física de apresentação dos túmulos e pelas suas representações, que os ritos de vida interagem com a dinâmica das relações *depois da morte*. É possível, pois, como

²¹ Trata-se de uma construção com acabamento requintado. Segundo Silva “também recebe o nome de panteão ou cenotáfio”, sempre com caráter pomposo. A denominação principal vem do nome do Rei Mausolo, cujo túmulo, com quarenta e três metros de altura, foi erigido em Halicarnasso, na Ásia Menor, em 352 a. C. (SILVA, J.A. F. **Tratado de Direito Funerário**. São Paulo: Método Editora, 2000, p.10-11).

questiona Meihy (1983), avaliar-se o estilo da sociedade pela análise dos túmulos? A questão proposta pelo citado autor é, por consequência, também nossa e faz parte dos objetivos deste trabalho, pois está coadunada com as representações sociais.

É, portanto, imprescindível que não sejam verificadas apenas as aparências, ainda que nelas algumas coisas possam ser entendidas de imediato. Observamos, também, que não são somente condições econômicas que determinam o tipo físico da sepultura, pois há a simbologia a respeito dos heróis, dos religiosos, dos imigrantes, de membros de sociedades estruturadas em crenças e costumes específicos – como a maçonaria²².

No cemitério tais características afloram, são flagrantes. A “cidade dos mortos” está presente na “cidade dos vivos”. No nosso recorte espacial vemos as representações da cidade e a presença dos vivos, com seus nomes, seus costumes, tradições, culturas. Podemos vislumbrar as características dos grupos sociais e culturais da sociedade uniãovitorense, independente das condições econômicas (por exemplo: os túmulos de imigrantes são construídos na periferia do cemitério, enquanto que os túmulos das “famílias tradicionais”²³ situam-se na avenida central da necrópole).

Nesse sentido, o cemitério, enquanto se apresenta como local de interação e integração de diferentes culturas, credos e sociabilidade, também mostra as condições de exclusão, fragmentação, isolamento ou de abandono.

Logo, uma das inferências que justificam a nossa pesquisa é que, ao demarcarmos as características do Cemitério Municipal de União da Vitória, vemos que elas não são únicas do ponto de vista dos arranjos físicos. Tais características permitem análise privilegiada de nosso campo de estudo, sem deixar de dizer que muitos cemitérios têm o mesmo padrão de construção.

Os cemitérios tradicionais geralmente ocupam o terreno com construção de sepulturas e de mausoléus e imitam a disposição das casas na cidade.

²² A instituição maçônica é muito antiga, mas não pode ser explicada somente como herdeira tradicional de confrarias medievais, nem como um clube de encontro de cavalheiros; possui uma base cultural e filosófica e expressa uma simbologia própria, mística e histórica – segundo alguns historiadores, a maçonaria remonta suas origens de antes do dilúvio narrado na Bíblia. A propósito da ligação da Maçonaria com o estudo em questão, pesquisamos em DULLIUS, F.; WAGNER, G.P. **A Maçonaria na Arte Funerária do Rio Grande do Sul**. In: BELLOMO, H.R. (org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul – arte, sociedade – ideologia. Porto Alegre: Edipuc, 2000, p. 221 a 244.

²³ Trata-se das famílias de ascendência com os primeiros imigrantes colonizadores de União da Vitória: os Poloneses e os Ucrânicos - “cuja entrada no país deu-se entre 1892 a 1895” (TONON, 1994, p.50).

Organizamos, diante disto, a nossa reflexão, pautados nos seguintes aspectos:

No capítulo 2 apresentamos a discussão teórica. Com esse referencial o cemitério é apresentado como espaço das representações; usamos critérios epistemológicos para o entendimento das representações sociais – sua conceituação, sua significação e sua importância para este estudo.

Consideramos importante relatar nesse capítulo (ainda que de forma bastante sintética) as idéias de autores clássicos, muito embora tenhamos tomado como referência central, para o entendimento das representações sociais a argumentação teórico-metodológica elaborada a partir de Serge Moscovici.

Tal conceituação permite-nos analisar as representações sociais levando em conta a contradição do discurso social em relação aos sujeitos sociais e, concomitantemente, à estabilidade desse mesmo discurso em relação ao simbólico²⁴ social e sua interação com a realidade.

No capítulo 3, detalhamos o objeto de estudo e suas relações espaciais, a fim de que possamos conhecê-lo e compreendermos o que comporta a análise dos pressupostos que levantamos e como nos permite atingir os objetivos propostos.

Já no capítulo 4 apresentamos a pesquisa empírica e seus resultados. Neste caso discorreremos sobre a metodologia que utilizamos, como a realizamos e quais foram os resultados obtidos, a fim de que conseguíssemos atingir os objetivos propostos e concluir com eficácia o nosso trabalho.

Importante dizer que nosso trabalho foi estruturado a partir do referencial teórico, passou pela pesquisa de campo e delineou-se com as fontes orais e escritas, permitindo-nos uma aproximação maior com a realidade local.

²⁴ O termo “símbolo” neste trabalho será entendido pelo significado que pode trazer o cemitério e suas características no conceito de representações sociais, de forma que não será considerado no todo de seu significado etimológico.(Nota do Autor).

2 O MÉTODO NA PESQUISA: DIMENSÕES DE ANÁLISE DO CEMITÉRIO NO CONTEXTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ao analisar o cemitério, passamos a entender as suas características arquitetônicas, os seus aspectos espaciais e religiosos, de forma que há a idéia presente de que “cidade dos mortos” está presente na “cidade dos vivos”. No nosso recorte espacial fica bem explicada a representação da cidade e a presença dos vivos, com seus nomes, seus costumes, tradições, culturas.

Esta pesquisa ocorreu a partir dos “olhares” que dirigimos ao terreno cemiterial, no seu cotidiano, quando foi possível ver muitas manifestações das pessoas no meio em que vivem e as transformações que causam nas estruturas sociais. Ao constataremos tais manifestações, percebemos que poderia ocorrer uma pesquisa que analisasse a sociedade uniãovitorienense.

Desta forma, para compreendermos a dinâmica social no estudo da necrópole, é preciso que entendamos as representações sociais dentro da série de fatores intermediários em relação à questão da identidade do lugar e de transformação da paisagem.

Necessitamos perceber que a síntese de tais fatores, na coexistência entre individualidade e sociedade, ultrapassa o indivíduo e entrelaça-se com o todo social. Nesse ponto que se inserem as transformações da sociedade e as dicotomias que se estabelecem nos relacionamentos, como ricos e pobres, imigrantes e nativos, poderosos e humildes, lembrados e esquecidos.

Quando vivem a realidade social por estarem inseridas num grupo, as pessoas têm códigos e padrões que as permitem identificar-se. O contato com os outros membros do grupo chama-se interação. Essa é uma interpretação para os grupos sociais corriqueiros.

No cemitério, porém, tais grupos formam-se a partir das considerações que fazem as pessoas aproximarem-se a partir das discussões acerca da vida e da morte, criando códigos grupais e tão considerados quanto os da sociedade que está do lado de fora dos muros cemiteriais.

Podemos inferir que a representação parte de uma imagem que formulamos a respeito do que nos foi transmitido culturalmente ou daquilo apreendido em contato com o outro; essa afirmação é corroborada por Reale (1997, p. 25) o qual escreve que “o indivíduo é um sócio entre os demais e partícipe consciente ou não do

complexo de imagens, símbolos, fórmulas, leis, instituições, etc.” Compreendemos, assim, que a pessoa liga-se a outras pessoas por existências concretas, dentro ou fora do cemitério.

Os homens propagam idéias a respeito do mundo, voltados para a relação de conhecimento, isto é, a relação social que se consigna pela idéia formada no universo mental de cada ser humano. Esse universo é o real apreendido pela comunicação que há entre as pessoas, as quais promovem entre si uma comunhão de interesses e de aspirações, de significantes e de significados, que se transmitem pela fala ou pela escrita – esta é a representação daquela - ou, ainda, por ambas, de maneira concomitante.

Dessas relações forma-se a cultura, que é peculiar aos seres humanos e cuja noção que encontramos em Wagner e Mikessel (2003) é a de interação comunitária entre os indivíduos. Com a cultura, segundo esses autores, torna-se possível classificar os seres humanos em grupos bem definidos pelas suas ações características, áreas que ocupam e atividades realizadas ao longo de sua história.

A cultura forja as identidades e, por conseqüência, a incorporação de outras culturas e de seus valores; assim entendida, não está pronta, nem é definitiva, mas está em permanente construção; a sociedade, mais do que o próprio indivíduo, é a unidade principal em que se luta pela existência e, desta forma, a cultura permanece em transformação por gerações sucessivas, enriquecendo constantemente o seu conteúdo; Funari (1996, p.12) acrescenta que “Sob o termo cultura inclui-se o sistema de meios e mecanismos elaborados extra-biologicamente, graças aos quais se motiva, orienta, coordena, realiza e garante a atividade do homem”.

Há, partindo disso, uma interação sócio-espacial do homem e sua inclusão no processo de consenso costumeiro; Corrêa (2003, p. 171) escreve que “a análise de técnicas e crenças de um determinado grupo, traduzida em representações e práticas, dão sentido à vida do grupo.”

Na relação dialética da cultura coexiste uma série de elaborações da ação humana em relação ao modo de vida das sociedades, primeiramente a partir da transformação física do meio ou da adaptação a determinados espaços (como comunidades urbanas, rurais, etc.); depois a uma progressiva sistematização de técnicas que permitem tirar o proveito total, ou o máximo possível, dos recursos naturais, tanto para subsistência quanto para aumento de produção e lucros; finalmente as trocas, as relações entre os agrupamentos humanos, suas instituições,

mecanismos de assentamentos culturais, sincretismos e comunicação dos homens entre si.

Desta forma, é importante pensar nas pessoas e em como elas agrupam-se e socializam-se. As interpretações se geradas somente a partir desse pensamento, já seriam bastante longas, a considerar que os estudos a respeito do ser humano não são esgotáveis, motivo pelo qual consideramos pontuar o nosso trabalho num estudo das relações sociais e suas implicações na cultura de um determinado lugar.

Quando colocamos entre nossos objetivos a necessidade de estudar as pessoas e sua relação com o cemitério, procuramos um acordo com as perspectivas de uma unidade social que se forma entre o estudo do cemitério e o conhecimento da cidade de União da Vitória.

Para nós há, no cemitério²⁵, uma insistente chamada à pesquisa da vida social, a qual permanece, persevera e mostra-se permanentemente pelos mortos e para os vivos. É, sem dúvida, uma temática que trata do imaginário, do simbólico e das dimensões individuais e coletivas, sendo que ambas compõe a realidade social e delas formam-se as representações.

2.1 AS REPRESENTAÇÕES²⁶ SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA NA DINÂMICA SOCIAL DO CEMITÉRIO

Verificamos a representação em lugares e situações bastante heterogêneos, pois cada situação ou realidade social tem um sentido próprio, de forma que é importante identificar as manifestações que a compõe. Neste ponto, encontramos em Moscovici o necessário entendimento de representações sociais para nossa pesquisa, quando escreve que: “Todas as interações humanas, surjam ela entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõe representações”. (2005, p. 44).

Começamos citando Moscovici, pois é o autor com o qual identificamos as melhores e mais plurais possibilidades de enredarmos para o estudo das

²⁵ Cemitério e necrópole são sinônimos. (Ver capítulo 3).

²⁶ A palavra “representação” origina-se de *repraesentare*, palavra latina cuja etimologia dá origem ao termo em questão, tendo como significado original “fazer apresentar ou fazer estar presente”. Mas não se pode apegar-se de forma simplória a uma palavra cujos significados remetem-nos a uma série de indagações ou proposições (diríamos: premissas sagradas, rituais simbólicos, questões mitológicas ou ideológicas, sentidos folclóricos, etc.).(Nota do Autor).

representações sociais como método eleito para a pesquisa. Há, porém, necessidade de citarmos alguns autores cujas bases têm nuances diferenciadas para as conceituações que se quer fazer do indivíduo, da sociedade e das suas representações.

Durkheim (2003), cuja teoria influencia a maioria dos estudiosos sobre o indivíduo e a sociedade, parte do princípio de que as “representações individuais” deixam de ser parte da vida representativa do indivíduo que, relacionando-se com os demais indivíduos, torna as representações comuns na sociedade, donde chega ao conceito de “representações coletivas”.

Segundo esse autor, as representações coletivas só surgem como contíguas entre os indivíduos, de forma que não podem ser vistas como situações medianas – ou seja, elas representam o substrato social. Os fenômenos sociais, portanto, não podem ser explicados a partir do indivíduo, mas sim dos grupos que tendem a tais fenômenos.

Nesse raciocínio os indivíduos associados formam as representações coletivamente, de maneira que fica evidente que a vida social não pode ser explicada a partir da consciência individual, ou seja, as representações são necessariamente coletivas, conforme se lê abaixo:

Fatos específicos residem na própria sociedade que os produz e não nas suas partes, quer dizer, nos seus membros. São, portanto, neste sentido, exteriores às consciências individuais consideradas como tais, do mesmo modo que os caracteres distintivos da vida são exteriores às substâncias minerais que compõe o ser vivo. Não podemos reduzi-los aos elementos sem nos contradizermos, uma vez que, por definição, supõe algo mais que o que contém esses elementos. [...] os estados da consciência coletiva são de uma natureza diferente da dos estados da consciência individual; são representações de outro tipo. [...] todo o pensamento coletivo, tanto na forma como na matéria, deve ser estudado em si mesmo, por si mesmo, com o sentimento do que tem de especial [...]. (DURKHEIM, 2003, p. 20-21).

Já para Chartier (1991), a representação resulta da prática simbólica. O que o autor quer dizer é que, independente do discurso, nenhum fato é “o fato”, ou seja, sempre temos tão somente a representação do fato, sendo ela algo que nos permite ter um referencial, um marco, um ponto de observação para nos aproximar do real e dar sentido ao mundo e sua realidade.

O indivíduo e as instituições relacionam-se no conceito de Chartier pelas representações coletivas (teorizando, principalmente, a partir de Durkheim), as quais aparecem na organização da sociedade. Quando se organiza, a sociedade tem em

sua realidade os grupos contraditórios e instâncias que são mobilizadas nas relações de poder e suas estruturas hierárquicas e cujas práticas devem ser vistas objetivamente e assimiladas de maneira sistêmica, isto é, pelo todo social. Trata-se de uma visão cultural, cuja matriz são as relações entre os grupos sociais e o indivíduo neles inserido, como este é percebido e como percebe os outros.

O historiador Le Goff (2002) escreve que os grupos sociais e os processos que resultam das suas relações são formadores da problemática de estudo da dinâmica social a qual, na explicação histórica – relaciona a experiência humana e os comportamentos diferenciados e individualizados nas identidades coletivas.

A mentalidade de um indivíduo, assim, é comum a dos demais indivíduos no seu contexto social (isto é, no seu grupo e no seu tempo), escapa dos aspectos pessoais e revela um conteúdo impessoal, muito embora o autor procura não priorizar as estruturas, mas incluir as impressões do indivíduo no contexto geral.

As imagens e os discursos da realidade são, em Le Goff, representações da coletividade e não são, literalmente, a realidade, isto é, não são exatamente o real, mas uma expressão do pensamento social. O imaginário, desta forma, é o essencial no pensamento do historiador citado e faz parte de um campo de representação, o qual é produto de prática simbólica e se transforma em outras representações.

Bourdieu (1998) assevera que os interesses e as bagagens culturais dos agentes sociais estão nas representações mentais, estas que são formuladas a partir dos processos de conhecimento e reconhecimento dos interesses dos mesmos agentes, ou seja, de interatividade social do indivíduo, quando estabelece conceituação de campo como um espaço de engajamento e concorrência no qual está organizada a sociedade.

O que se oferece no campo estabelecido são produtos que representam o contexto em que o indivíduo está inserido ou pode vir a inserir-se. A relação do indivíduo com os demais e sua competência para posicionar-se socialmente, revela a estratificação social.

No complemento da idéia, ainda em Bourdieu, outro conceito característico para as sociedades, é o de hábito (*habitus*, conforme a tradução para o Brasil) que, em complemento a campo, trata-se do molde das ações e das percepções na produção social pelo indivíduo, de forma a permitir que se diferenciem as práticas individuais das sociais.

Se partíssemos diretamente das definições acima apresentadas para fazer a análise das representações sociais, teríamos elementos inconstantes e superficiais e talvez fizéssemos toda a nossa pesquisa nessas bases teóricas, aqui bastante sumarizadas, considerando tudo o que seus autores escreveram.

Ao fazermos uma revisão mais aprofundada das correntes teóricas de cada um desses autores, verificamos que não há nela o postulado específico que interessa para os termos do nosso estudo, muito embora devamos levar em consideração suas conceituações como complementares à nossas necessidades de embasamento teórico. A representação coletiva, porém, converge pontos essenciais nesses autores: os dados exteriores partem de todas as relações socializadas entre os indivíduos.

Moscovici atenta para um fato novo em relação a isso; trata-se da mobilidade coletiva em razão da atual dinâmica das sociedades, diferente da pouca dinâmica nas transformações sociais estudadas anteriormente a ele.

Moscovici, muito embora se fundamente em Durkheim, estabelece uma revisão dos conceitos, pois considera que o termo representações “sociais” deve substituir o de representações “coletivas”, pois o primeiro dá um caráter de mobilidade e flexibilidade às representações e enfatiza o social ante o coletivo. A explicação de Moscovici para essa teorização que parece tornar dicotômicos o termo “coletivo” e o “social” é de que

A maior parte das vezes as duas palavras são usadas como sinônimas. Eu prefiro, contudo, usar apenas ‘social’, por que se refere a uma noção clara, aquela da sociedade, a uma idéia de diferenciação, de redes de pessoas e suas interações (MOSCOVICI, 2005, p.348).

As representações sociais perpassam o domínio científico e tomam parte do “senso comum”. O conceito compõe a cultura popular²⁷ e chega a ter uma distinção psicossocial, cuja atuação está na rotina das pessoas e suas interações com o meio, conforme explicitado a seguir: “as representações sociais estão relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe linguagem”. (MOSCOVICI, 2005, p.307).

²⁷ Neste caso referimo-nos à questão das mentalidades apropriando-se do seguinte conceito: “A cultura popular define-se pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida” (VAINFAS, R. **História das Mentalidades e História Cultural**, in: CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**. Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: ELSEVIER/CAMPUS, 1997, p.152).

O compartilhamento das experiências pessoais e sociais entre as pessoas intensifica a sua comunicação, demonstrando que as representações sociais diferenciam-se de outras formas de conhecimento, como mistificação, pragmatismo, cientificismo ou visões específicas do mundo. São como uma rede de pensamentos e idéias que formam um sistema interligado de forma livre e arraigado ao cotidiano, de modo que são muito mais condizentes que teorias, que ficam assim expressos:

Um sentimento coletivo, que se manifesta numa assembléia, não exprime apenas o que havia de comum entre todos os sentimentos individuais. É algo de muito diferente, como já mostramos. É uma resultante da vida comum, um produto das ações e das reações entre as consciências individuais; e se ressoa em cada uma delas, é em virtude da energia especial que deve justamente à sua gênese coletiva. Se todos os corações vibram em uníssono, não é por causa de uma concordância espontânea e preestabelecida; é porque uma mesma força os move no mesmo sentido. Cada um é arrastado pelos outros. (MOSCOVICI, 2005, p. 37).

Apontamos, aqui, a idéia de ciência em relação às representações em geral de acordo com Gil Filho (2003), para dizer que a lógica da representação social não pode ser entendida, então, como uma lógica científica, pois não tem a mesma regra prática; esta é construída por formas, métodos e conteúdos somente científicos (isto é, reificados), aquela se apresenta a partir da prática do cotidiano e das relações comuns na sociedade, formulando e veiculando idéias.

A representação apreende continuamente atos e fatos da realidade, como a cultura social, sua historicidade e os acontecimentos que se configuram como parte da memória de um sujeito ou de uma comunidade. Neste sentido, Moscovici escreve que não há razão em excluir as experiências individuais no estudo da sociedade, pois o conhecimento e as crenças originam-se das mútuas interações do aprendizado, o qual se torna comum e divide-se entre as pessoas no modo de vida que se reveste das práticas coletivas e na linguagem que é adquirida.

As representações sociais, desta forma, fundamentam as ligações e dependências humanas em relação ao meio e sua acepção volta-se muito mais ao senso comum que ao discurso científico e institucionalizado sem, no entanto, que esse seja descartado.

Podemos dizer que nas representações sociais, ainda que formada das relações objetivas, está bastante presente a subjetividade, isto é, não se vê o sujeito, nem suas idéias como meros produtos de determinação científica, mas a sua

participação nas reuniões públicas, nos locais de encontros populares e sociais, nos meios de comunicação, nas instituições sociais e nos movimentos da coletividade.

Nos espaços públicos os sujeitos sociais reúnem-se para falar e dar sentido ao cotidiano, bem como para incubar, cristalizar ou transmitir suas idéias, as quais passam a ser apropriadas pela coletividade, conforme explica Jovchelovitch (2000, p.40): “[...] É no encontro público de atores sociais que as representações sociais são formadas”. Compreendemos, nessas circunstâncias, que o estudo das relações de representações sociais no cemitério indica a realidade social, inteligível e autêntica.

A realidade manifesta-se na consciência do indivíduo, porém tem sentido comunitário e, segundo Domingues (1999, p.63), revela “a própria construção da identidade coletiva e passa por processos de identificação”, com traços históricos e culturais que se apresentam por força da identificação do lugar, o que, aliás, complementamos com a seguinte leitura:

O mundo em que vivo é aquele que construo e do qual me aproprio pelos discursos que pronuncio e que recebo e pelas interlocuções das quais participo. O mundo em que vivo é aquele falado por mim e pela coletividade da qual faço parte. (...) É nesse universo de interlocução e de ação dos homens, que é o terreno da experiência; através da constituição e utilização dos quadros de sentidos por homens que vivem no mundo na qualidade de sujeitos desse mundo – sujeitos de ação, sujeitos de fala – que esses mesmos homens convivem, estabelecem suas diferenças, marcam seus lugares. (SILVA, SOUZA. 2002, p. 38).

Isto implica no entendimento da representação social relacionando o homem com o seu ambiente de vida, sendo possível complementar que a representação interage com a construção de visão do mundo apregoada entre as classes sociais e com a visão com que cada um contribui para a formatação desse mundo.

Quando se visualiza a organização dos elementos morfológicos no cemitério, há elucidação do espaço urbano²⁸, pois as suas características reproduzem as ruas da cidade, carregadas de símbolos políticos, religiosos, históricos ou imaginários; a arquitetura das casas, das praças e dos edifícios; as fachadas e os monumentos que caracterizam uma etnia ou um fundamento histórico.

A organização da cidade, ao passo que é fisicamente percebida, tanto de forma tátil, visual ou olfativa, também compreende os patamares do intuitivo, onde

²⁸ Entendemos o conceito de urbano como algo abstrato em relação à cidade, que é algo concreto. O urbano está para o social e o cultural que integra o indivíduo à sociedade. (Nota do Autor).

há a vívida manifestação do imaginário individual ou coletivo. Ao analisarmos o cemitério e suas estruturas e ligações com o mundo dos vivos, percebemos que ele é uma continuidade da dinâmica da cidade e das pessoas, é uma manifestação da continuidade territorial e da continuidade social.

No estudo da necrópole a representação aparece como a apresentação da sociedade por duas variáveis: a variável do capital²⁹ (as condições econômicas das famílias que possuem jazigos no cemitério), a qual se revela nas posses e no padrão arquitetônico tumular, seguindo-a, a variável social, isto é, as manifestações distintivas de status e papel que o morto representa ou representou no meio social. Há, portanto, uma necessidade de considerar que os acontecimentos e os fatos cotidianos permitem-nos defender a importância do espaço de representação.

Fica estabelecida, assim, a estreita ligação do termo “representação” com o significado do “simbólico”, muito embora tenham diferentes vieses nas suas aplicações dentro dos estudos que são pertinentes ao possível entendimento dos espaços vividos, levando em consideração aquilo que fala “dos mortos” e pelo que eles representam.

Quando dissertamos sobre as representações sociais, temos que lembrar que elas ocorrem dentro daquilo que se define como ideologia. A ideologia pode aparecer, significativamente, em dois formatos bem distintos: um é o voltado para as questões sócio políticas – que expressam a cultura e o poder, outro voltado para a religiosidade ou de concepções não científicas, geralmente voltadas para interesses particulares ou de grupos dominantes.³⁰

O que estamos pesquisando está no campo da articulação das idéias dentro do grupo social e que seriam inseridas nas que expressam a sociedade com sua cultura e manifestações de poder. Nessa concepção a ideologia contempla toda a realidade social ou aspectos gerais dela (fragmentação, por exemplo, da realidade física, social, cultural, etc.).

Muito embora tenhamos falado em ideologia, devemos lembrar que a representação está num plano físico, embora conotativo (no sentido de que está

²⁹ Segundo Bourdieu (1998, p. 135) “Pode-se descrever o campo social como um espaço multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global da capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posses.”

³⁰ Para a conceituação de ideologia utilizamos QUINTANILHA, M.A. **BREVE DICIONÁRIO FILOSÓFICO**. Trad. Laura Nair Silveira Duarte. 2 ed. Aparecida, SP: Santuário, 1996, p. 115-117.

dependente do contexto em que é empregada). O fato de conjugar o plano real com o plano representativo, dá-nos condição de estudar os significados das relações de símbolos do cemitério e sua interação social com os “significados urbanos” utilizando a seguinte concepção:

(...) a percepção da imagem urbana supõe uma concreta base material sobre a qual é gerada a tensão/produção de aspectos imateriais, talvez ilusórios, mas cada vez mais representativos da cidade; desse modo, a apropriação dos lugares urbanos se dá na exata proporção em que se multiplicam as imagens e seus imaginários. (FERRARA, 2000, p.28).

No estudo da necrópole percebemos as várias facetas que determinado objeto, pessoa ou lembrança remontam a um conhecimento ou a um acontecimento. O campo de estudo está bem alinhado com o tangível, de acordo com a seguinte expressão de Bellomo (2000, p.15): “os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem as classes sociais” (concordamos com o autor no entendimento de que os termos “reprodução” e “definição” reforçam a idéia de perseverar a pesquisa cemiterial). Fato que queremos deixar elucidado, a fim de demonstrar que não apenas no Cemitério Municipal de União da Vitória, mas em quaisquer outros cemitérios, haverá a representação da cidade.

As construções cemiteriais representam realmente a vida que se vive presentemente, pois cada túmulo é concebido de acordo com o que a família do vivente quer que se pense sobre ela (a própria família) ao olhar para o túmulo do falecido (ou falecidos); compreendemos com isto os já delineados conceitos para o estudo, sempre com a idéia que evoca a presença do morto através da lápide ou da estela (placa pouco maior que a lápide) e dos símbolos tumulares.

Isso permite a sugestão do real, pois o falecido deixou laços significativos de lembranças, cuja valoração depende da análise do túmulo e sua conservação, dos epitáfios e outros detalhes que desvendamos aos poucos enquanto observamos o terreno. Há, nesse ponto de vista, a realidade que se apresenta na ausência do morto, o qual não significa tanto quanto os que dele herdaram alguma coisa – isto é, os familiares do morto e seu valor social e material – representativos - passam a ser mais importantes. Todas as providências que se tomem a respeito do velamento e dos funerais (desde a escolha do féretro, da sepultura e da pompa do enterro) é unicamente consolo dos vivos.

Os sinais de vida e de morte existentes no cemitério dão a indicação de que a família, nos sinais tumulares, representa-se nos túmulos preciosamente arquitetados

ou num abandono quase que inconsciente – sendo que ambos refletem considerações econômicas, culturais ou sociais a respeito de como a família cultua o seu morto (fotografia 1 e fotografia 2).



Fotografias 1 e 2 (respectivamente): Comparação que fazemos – jazigo de uma família tradicional (isto é, mais conhecida no meio social pelo sobrenome que carrega) e jazigos em abandono – inclusive sem identificações.

Optamos, aqui, por levar em conta o entendimento do valor cultural nos sentidos de alteridade, de pertença (inclusão/ exclusão social) e de manifestações próprias da sociedade, pois quando percebemos a sua caracterização na necrópole, notamos a diversidade cultural num mesmo campo o que torna inconsistente dizer que há uma única cultura enraizada no local. O cemitério representa um conjunto heterogêneo de culturas e manifestações sociais.

Nesse caminho, arquitetamos a idéia de que as dimensões da sociedade produzem e reproduzem imagens representativas de sua heterogeneidade, traduzidas a partir das situações do cotidiano e das produções individuais e coletivas. Existe, nas relações da comunidade em torno de seus objetivos gerais, vasto material que assegura a continuidade do cotidiano social.

Tomamos como exemplo a pluralidade cultural vinculada a um conceito religioso tradicional na sociedade, que é o catolicismo romano³¹, incutido na memória social e perfeitamente visível como representação social. Refletimos que, em decorrência, não há só um forte catolicismo em meio às etnias existentes (que tem entre alguns de seus membros outros fundamentos religiosos – como o Islamismo entre os sírio-libaneses) mas o cristianismo como denominador comum na sociedade, fato comum a diversas comunidades no município de União da Vitória.

Nessa conceituação apresentamos a imagem católica do “Sagrado Coração de Jesus”³² (fotografia 3), padroeiro do município de União da Vitória, no mais alto morro visível da cidade e que pode ser visto também do cemitério (fotografia 4), seja ou não por coincidência, mas que dimensiona, de maneira explícita, esse conteúdo representativo.

A imagem no “Morro do Cristo” foi construída em 1962; o morro está situado a 955 metros acima do nível do mar (como a cidade está a 745 metros, este tem 210 metros de altura). É considerado o segundo mais alto do Brasil (perdendo apenas para o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro); a imagem do Cristo (que estende a mão direita em direção à cidade e à esquerda no coração) tem 10 metros de altura³³ (fotografia 5).

³¹ Segundo o censo do IBGE (2006), a cidade tem 87% de praticantes da religião católica.

³² Padroeiro do município de União da Vitória, cuja data comemora-se no dia 15 de Junho, anualmente. (Nota do autor).

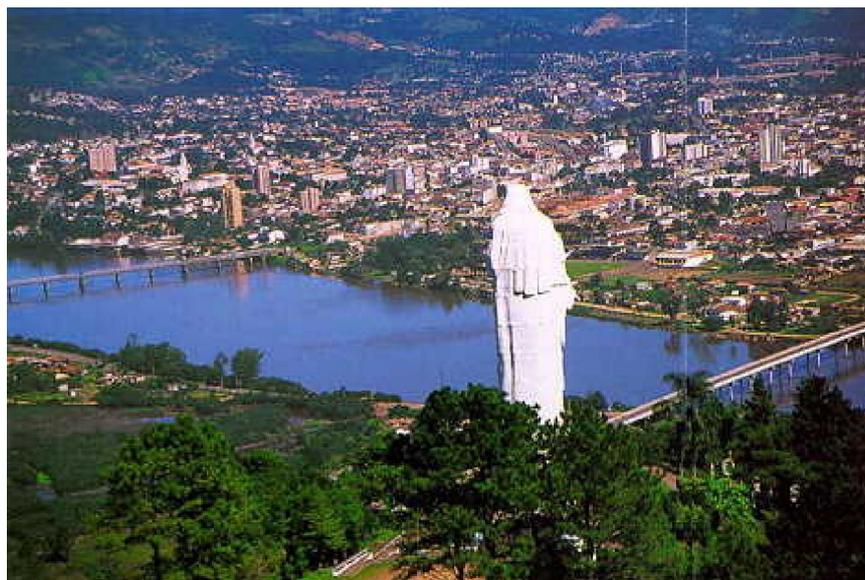
³³ Tais informações são escritas em memorial que se encontra no início da escadaria que dá acesso ao morro.



Fotografia 3: O morro do Cristo, símbolo iconográfico da religiosidade católica em União da Vitória. (Ver, também, a fotografia 5).
Fonte: acervo do autor.



Fotografia 4: Do interior do cemitério avista-se, mesmo que distante, a imagem do Cristo no morro (a seta aponta a imagem, conforme se vê na foto ao lado).
Fonte : acervo do autor.



Fotografia 5: O morro do Cristo e a cidade de União da Vitória.
Fonte: www.portouniaodavitoria.com.br – acessado em 10 de Novembro de 2006.

Observando o espaço da iconografia religiosa e o espaço geral na sociedade dentro do Cemitério Municipal de União da Vitória, entendemos que representação e abstrato estão estruturados como continuação da vida social, ou seja, o espaço é feito pelos vivos.

Com isto, notamos que o estudo do cemitério remete-nos ao entendimento das relações sociais, abrangendo suas ações e suas idiosincrasias, nas quais se percebe a história, as relações culturais, políticas e de poder. Para isto, podemos conceber as condições bem exemplificadas neste texto:

São fenômenos de longa duração as representações coletivas (...)tal como as que exprimem nas figurações religiosas ou mais amplamente míticas, que anulam a fronteira entre o sagrado e o profano. Também nesse nível, a imagem encontra um terreno privilegiado de aplicação, como reflexo das representações coletivas diante da vida, do amor... e da morte. (VOVELLE, 1997,p.28)

Inferimos, também, que o estudo da sociedade na necrópole revela o processo de identidade da pessoa com as alterações sociais e com os demais membros da sociedade, conforme asseveram Berger e Luckman (1973, p.11): "Nessa sociedade todos os problemas são comuns, todas as soluções desses problemas são sociologicamente objetivadas e todas as ações sociais são institucionalizadas".

Essa noção de identidade do indivíduo permite-nos vislumbrar o Cemitério como importante quadro das relações de poder e suas formas de apropriação da realidade social. As noções de apropriação social e de definição da hierarquia vinculam-se aos papéis sociais (sendo que há um consenso coletivo e subjetivo de quem assume a hierarquia na relação e de como ela é assumida), pois

Sob o âmbito consensual da sociedade existem a equanimidade e a liberdade de representar o grupo devido a determinadas circunstâncias complexas e ambíguas em mundos institucionalizados. Todavia, um universo reificado é intrinsecamente desigual, constituído de classe de papéis. A competência é determinada de acordo com o mérito atribuído e o direito de exercer determinada função. (GIL FILHO, 2001, p.13).

Vemos, nessa dinâmica social, a importância da discussão e do entendimento quanto à definição e natureza do espaço de representação como subordinado às relações sociais, as quais não se desprendem ante ao irrefutável sentido da vida que se dirige para a morte.

O cemitério, assim, não é um lugar de simples depósito de mortos, mas é uma opção de visitação dos vivos e da construção de relacionamentos sociais. No contexto de novas relações que são feitas, também se reconstroem as histórias e memórias familiares e os vínculos sociais são criados ou fortalecidos.

Para tanto, é preciso pensar que o “vivo” está ligado de forma inequívoca e abstrata diretamente com a sua própria realidade – e não na do morto. Ao erigir um lugar no cemitério, construir um túmulo e acrescentar uma obra de arte ou algum artefato mais caprichoso, ele (o vivo) mostra-se à sociedade que frequenta o campo da necrópole, como elemento social importante.

Contudo, no caso do que denominamos “túmulos da periferia”³⁴ (fotografia 6) os sinais são de que há menos importância familiar do indivíduo enterrado e de seus descendentes na sociedade (o que é muito bem caracterizado no município de União da Vitória), pois a cidade não apresenta, na sua aparência geral, aglomeração de casebres; no entanto, eles existem, mas estão escondidos na periferia da cidade, isto é, nos locais em que não se costuma fazer visitas de turismo, cujo ritmo funciona de acordo com a própria classe que lá reside.



Fotografia 6 A “periferia”, nos fundos do cemitério. Pouca manutenção e aparência de abandono.
Fonte: Acervo do autor.

Nas pesquisas realizadas no cemitério há distinção social naturalmente cooptada pelos indivíduos de forma que, em razão disso, as distorções sociais permanecem, ou seja, os homens podem ser reunidos ou separados pela cultura quando se fundamentam nas identidades criadas nos vínculos de seus círculos sociais. As crenças, os valores e os objetivos que associam as existências dos

³⁴ Adotamos o termo “túmulos de periferia” após as várias visitas que fizemos e com pretensão à comparação sócio-econômica necessária. (Nota do Autor).

homens no seio social, junto a seus objetivos próximos ou imediatos, não impedem que haja, entre eles, uma livre comunicação.

Há, assim, um encadeamento que leva a uma aglutinação de concepções, associando o espaço com a vida que toma conta dele, seja do ponto de vista político, do sagrado ou da socialização, por exemplo.

Ao estudarmos o cemitério podemos ver que as pessoas que o visitam, além de reverenciar seus antepassados, trocam informações, significados, impressões e se utilizam de várias outras formas de interações comunicativas e indicam intensa socialização, o que caracteriza o espaço numa diversidade e inclui mediações e relações as quais envolvem ideologias e representações, tal qual como se lê a seguir:

O conceito de espaço social corrente não leva adequadamente em conta aspectos da natureza ou aspectos históricos anteriores. Várias mediações e mediadores devem ser levados em conta: a ação de grupos sociais e fatores relacionados ao conhecimento, à ideologia ou ao domínio das representações. O espaço social contém uma diversidade de objetos, tanto naturais como sociais, incluindo redes e vias que facilitam a troca de materiais, coisas e informações. Estes “objetos” não são somente coisas, mas também **relações**. (GIL FILHO, 2001, p. 8) – grifo nosso.

Vovelle (1997, p. 352) escreve que “[...]com todas as necessárias precauções, é possível afirmar que o lugar dos mortos foi inteiramente dissociado da igreja ou do templo”, isto é, o cemitério dá perspectiva de objetivação aos indivíduos que tiveram algum contato com o falecido, principalmente familiar. Os viventes projetam para a sociedade todo o significado de seu apreço pelo “ente querido” e o desvelo em demonstrar a projeção social que o próprio mantém, seja pelos arranjos tumulares como pela perpetuação do nome da família.

É bem pertinente determinar a questão do lugar santo e a do lugar profano³⁵, de forma concomitante no cemitério, como lugar de representações, de iconografia e

³⁵ O sagrado e o profano designam paisagens mentais sociais e afetivas; imaginários sociais designando duas situações existenciais, duas formas correlacionadas de relacionamento humano. Portanto, não é o caso de buscar o social visando reduzir o religioso as suas dimensões: a compreensão não vem do puro exercício de desqualificação da perspectiva religiosa, ou da defesa da revalorização da religião como projeto global, mas do entendimento quanto a sua forma de “ser no mundo. (CEMIN, A.B. **Imaginários, Mito, Religião: a manifestação do Sagrado. Disponível em : <http://www.cei.unir.br/artigo62.htm> - acessado em 15 de Novembro de 2006**). Também podemos utilizar a seguinte conceituação: “Sagrado, vem do latim *sacer*, que se relaciona diretamente com o transcendente e profano de *profanus*, isto é, fora do templo, ou seja, de uso comum”. (HINELLS, J.R. **Dicionário das Religiões**. São Paulo: Cultrix, 1984, p. 242). Uma explicação que consideramos bastante prática é a de que “[...]existem entre o espaço comum e o espaço diferente. O espaço qualitativamente diferente e o espaço qualitativamente igual. Nessa dinâmica surgem o sagrado e o profano. O sagrado enquanto aquilo que é sagrado na medida em que é diferente, incomum. O

de imagens do mundo vivente; enfim, um lugar onde há vida (ainda que simbólica) absolutamente transparente e determinadora dos papéis sociais.

Para concluir este capítulo, propomos mais uma dimensão acerca da representação da morte na sociedade, com base nas seguintes afirmações:

De tanto se questionar sobre as rupturas, as diferenças – a oposição entre ostentação funerária dos antigos e a ocultação contemporânea da morte tornou-se clássica – perde-se de vista que a morte (como a iniciação ou a aliança), inscreve-se sempre no interior das redes de relações e de trocas hierarquizadas, de estruturas de autoridade e poder, de sistemas simbólicos cuja coerência e lógica convém reencontrar. (LE GOFF, SCHMMIT, 2002, p.244, V II).

O cemitério, como um importante e necessário depósito das aspirações de um grupo em relação à necessidade de continuar a vida a partir daquilo que o falecido representa, é elemento fundamental da rede de relações de trocas às quais se referem Le Goff e Schmitt. É, ainda, uma representação da continuidade da família, um estilo de vida e uma consideração da transformação perceptível da vida social.

No ensejo dessa questão, fazemos uma menção muito breve de Santo Agostinho³⁶, o qual escreve que o lugar escolhido para a inumação é muito importante para quem enterra um ente querido. O que o citado autor considera é que essa escolha suscita as lembranças, sentimentos interiores e tudo aquilo que o morto continuará representando de bom para todos aqueles que visitarem seu túmulo.

Em vista dessa necessária condição que se dá ao morto em enterrá-lo da maneira mais dignificante possível e significativa para o afastamento da morte como fim do indivíduo, com o intuito de mantê-lo presente na memória, remetemo-nos a uma compreensão do porquê da existência das necrópoles. Os seus aspectos históricos, condições de localização e importância social, os quais serão analisados em capítulo à parte.

profano enquanto aquilo que é profano porque é comum, igual." (FERREIRA, R. **Entre o Sagrado e o Profano**. O lugar social do professor. 2 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 1999).

³⁶ A paráfrase mencionada deve ser entendida no contexto do presente trabalho e não pela obra do autor, já que toda a discussão que ele faz é priorizar a condição exemplar da alma de quem falece em relação aos cuidados com o corpo. Nesse caso, deve-se recorrer a um estudo da Patrística (filosofia do Cristianismo Medieval) e da religião. Optamos pelo trecho para posicionar que geralmente há a preocupação física com o corpo e com o local do enterramento. A referência que utilizamos é a seguinte: SANTO AGOSTINHO. **O cuidado devido aos mortos**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 161. (Nota do Autor).

3 O CAMPO DA PESQUISA: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

“O cemitério é o lugar por excelência dos mortos. A terra é tida muitas vezes como mãe. Da terra viestes e a terra voltarás”. (SILVA, 2000, p. 205, Vol. I).

3.1 ASPECTOS GERAIS ACERCA DA MORTE, DO ENTERRAMENTO E DOS CEMITÉRIOS

É de consenso geral que o cemitério é o local de enterramento, onde se dá a sepultura. Também recebe o nome de necrópole ou, conforme o lugar, de “terra-santa”, “campo-santo”, “solo sagrado”. O termo “necrópole” (que quer dizer: cidade dos mortos) nos dá a indicação de que uma sepultura isolada (por exemplo: a de um padre fundador de uma capela) não é um cemitério.

A preocupação com a ordenação e organização do cemitério e, principalmente, sua localização dentro ou bem próximo das cidades, faz-nos perceber a necessidade que se tem de integrar vivos e mortos num contexto, digamos, comum para ambos. Isto implica dizer que as cidades teriam aparecido em volta dos cemitérios e em função deles, momento histórico em que surgem os agrupamentos humanos, os quais, segundo Aquino (1980, p. 65) “tinham o costume de enterrar os mortos nas cavernas ou em sepulturas próximas”, o que é corroborado na seguinte afirmação:

Com o desenvolvimento das cidades, essas sepulturas de periferia logo se tornaram as partes urbanas, isto é, os mortos que haviam sido expulsos da cidade, estavam novamente dentro da cidade. Assim tem sido até nossos dias. Nem se poderia pensar de outra forma, sob pena de esquecermos as origens das cidades. Parece-nos que elas só tiveram origem a partir do culto aos mortos, isto é, a cidade dos vivos só tem existência depois do surgimento da cidade dos mortos. A necrópole precede a metrópole. (SILVA, 2000, p. 276).

A História aponta a existência de cemitérios em todas as civilizações, desde as primitivas, passando pelos hipogeus egípcios, das cavas nas rochas, da Assíria; dos panteões gregos até os cemitérios atuais. Conforme Mello (1963, p. 528) “o

ritual de enterramento inicia-se, entre as sociedades primitivas, quando o homem admite a existência do espírito e da sua sobrevivência”.

O aludido autor acrescenta algumas práticas rituais antigas que nos auxiliam no entendimento do sentido da significação da morte e dos rituais funerários que ainda hoje são praticados, mesmo com formas diferentes, têm o mesmo sentido existencial. Mello faz uma relação de rituais que não podemos omitir, muito embora tenhamos que citar de maneira sintética, com o texto do próprio autor:

[...] desde os tempos mais primitivos admitiu-se a existência do espírito e da sua sobrevivência. É essa, a origem do culto dos mortos, que se extrema nas práticas propiciatórias e nos sacrifícios. [...] O sonho devia ser-lhe uma fonte de terríveis informações, por meio das quais se punha em contato com os mortos, que podiam voltar das regiões do além, sendo julgados sempre como temerosos e vingativos. Diante disso, é de surpreender o ritual de enterramento dos mortos, desde os tempos pré-históricos? (Idem, p. 528-529).

Partindo de tal questionamento o autor acrescenta que o enterramento toma formas distintas, dependendo da sociedade e os rituais que constitui, de maneira que possibilita sempre o entendimento de um procedimento ritual em relação à morte e aos mortos. As significações a respeito disso partem sempre da perspectiva dos vivos e, mesmo com práticas diferentes conforme a cultura, a expressão geral e final reflete a necessidade contínua de expressar a “recusa da morte” e a necessidade da “imortalidade”.

As diferentes práticas são, assim, rituais voluntários e necessários, ocorrendo de diversas maneiras, como algumas que sintetizamos a partir da leitura de Mello (op. cit., p. 529, passim): “Podia-se quebrar a coluna vertebral do morto, ou quebrar-lhe membros superiores e inferiores, bem como arrancar olhos e orelhas, de forma que não pudessem ‘fugir’ do jazigo. Com a mesma idéia surgiu a cremação, o atiramento do cadáver nos rios e o fato de servi-lo como alimento para urubus e outras aves de rapina”.

O autor cita mais casos: os árabes do deserto (beduínos) que lavavam o cadáver com água quente e o enfeitavam entre roupas e ornamentos, como se fosse a um casamento. Também amarravam um camelo perto ao lado do local onde foi inumado o defunto; ali permanecia o animal até morrer de fome, com o intuito de acompanhar o morto no além.

Os antigos germanos acreditavam que o morto devia ser acompanhado de suas armas e de seu cavalo, de forma que permanecesse na Valhalla³⁷ que tanto é o cemitério como o paraíso dos antigos germanos, levando uma vida alegre e não necessitando e nem querendo voltar e aterrorizar os vivos.

Não somente Mello, mas outros autores também trazem descrições dos antigos rituais funerários, como Shorter (1993, p. 53) o qual escreve que “os egípcios processavam a mumificação e denominavam a tumba como Casa da Eternidade”.

Segundo Aymard e Auboyer, outros povos (no segundo século antes de Cristo) tinham costumes que envolviam amigos e parentes dos mortos: aqueles se reuniam em torno do local de enterramento e realizavam automutilações, gritos de dor, dilacerações da pele, como forma de apaziguar o morto. As viúvas eram obrigadas, até elas mesmas morrerem, a manter a lembrança do marido em quadros e imagens, permanentemente, como se ele estivesse presente. Na China, o suicídio das viúvas era obrigatório, imediatamente após a morte do esposo.

Mas a informação que nos leva a entender o aparecimento dos cemitérios, mesmo que de forma ainda arcaica está, novamente, em Mello (op. cit.), o qual revela o fato de empilhar pedras pesadas sobre covas bastante profundas, que se fazia para garantir que o morto ficasse bem preso à terra.

Corroboramos nossa idéia de que os rituais funerários atuais têm sua origem nos nossos ancestrais, desde o Paleolítico, com a seguinte afirmação (idem, p. 531): “A origem de tudo isso é por demais transparente, mostrando a sobrevivência de costumes, que tomaram forma social mais adiantada”. Perseverou no tempo e chegou à modernidade mantendo semelhanças em relação ao procedimento, muito embora com idéias diferentes em relação à vida após a morte (embora existam comunidades e crenças que ainda crêem na volta dos mortos, mesmo nas sociedades mais modernas e complexas).

Na Idade Média Ocidental escreve Ariés (1981) que o cemitério não era somente um local de enterramento, mas também uma praça de reunião pública, de mercado e de divertimentos. No século XV os cemitérios chegaram a ser locais de atos públicos oficiais, como para a realização de tribunais da Inquisição e local de intensa atividade social, principalmente considerando que

³⁷ Originalmente trata-se do lugar dos mortos, no qual as Valquírias – deusas celtas da guerra – conduziam os guerreiros mortos em combate. Passou, com o tempo, a ser considerado também o local de enterramento dos heróis, segundo a mitologia germânica. (Cf. HINNELS, J.R.(Org.) **Dicionário das Religiões**. Trad. Osvaldo M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 277).

Todos esses fatores conjugados fizeram aparecer nos cemitérios, as feiras. De fato, o asilo ali concebido, fez ao mesmo tempo, um lugar público de reunião e de mercado. Os mercadores ali gozavam de isenções, de imunidades fiscais e podiam aproveitar-se do grande número de pessoas reunidas atraídas pelas pregações, pelas decisões e pelas edições legislativas. Para o estabelecimento de lojas não foi difícil. “Os homens do cemitério de Jay vendiam vinho ou cerveja no cemitério”. Cemitério, então, era sinônimo de grande praça. Nele se praticavam atos religiosos, atos judiciais, atos legislativos, atos de comércio, encontros sociais, atos de amor. (SILVA, 2000, p. 282-283).

Com tais condições, os cemitérios passaram efetivamente a fazer parte do cotidiano e um lugar de vivos e de mortos. Situavam-se, na grande maioria, no entorno das igrejas e sua presença já marcava o visual da cidade.

Considerando a preocupação pela saúde pública, no século XVIII, provoca-se um deslocamento dos cemitérios para fora da cidade. Destaca Ariés (1983) que havia acúmulo de mortos em torno das igrejas, ficando insuportável a situação por volta de 1760, em plena época do Iluminismo, quando já se discutia a relação da religião e a sua interferência na sociedade.

O autor escreve que tal situação perdurara por um milênio (o que vale dizer que ocorreu por toda a Idade Média). Havia o comprometimento da saúde pública devido aos eflúvios fétidos e contagiosos. A igreja estava reprovada por uma atitude de permanente cuidado com o espírito e nenhum em relação ao corpo e, acrescenta Ariés (p.67) “[...] os mortos não mais deveriam envenenar os vivos, e os vivos deviam testemunhar aos mortos, por um verdadeiro culto leigo, sua veneração”.

Com os cemitérios afastados das cidades, as cerimônias fúnebres sofrem modificações, sendo que a principal foi dividir o cerimonial em dois atos, ou seja, o primeiro era o velório, que provocava o deslocamento da casa à igreja; o segundo era o deslocamento da igreja ao cemitério, para a inumação ou enterramento.

No segundo ato, aconteciam fatos que chegavam a ser traumatizantes para quem quer que acompanhasse o féretro, conforme se lê em relatos de um administrador público da cidade de Sena:

“Anuncio-lhe um espetáculo que lhe inspirará justificado horror: Esses homens que levam ao cemitério comum os mortos da cidade, muitas vezes embebedam-se no caminho, brigam ou, o que ainda é mais revoltante, cantam alegremente, sem que o funcionário público que os acompanha (sucessor do padre e que não devia ser muito mais eficaz) possa lhes impor silêncio. (...) Quando se transportava um morto para o local de sua sepultura, vi nossos carregadores entrarem numa taberna depois de terem jogado diante da porta os dolorosos restos que lhes tinham sido confiados, molharem a garganta com copiosas libações de aguardente e obrigarem os

parentes desolados do defunto, quando presentes, o que nem sempre acontecia, a beberem com eles e a pagarem o preço dessa bebida sacrílega.” (ARIÉS, 1981, p. 541-549, Vol. II).

O costume de servir bebida e comida transformou-se socialmente e vem até nossos dias. É comum e necessário que durante os velórios, alguém da família do falecido, ou uma empresa contratada para tal, ofereça lanches aos convidados, de forma que, em alguns casos, chega a haver fartura de alimentos. Silva (2000) escreve que em algumas cidades do interior do Rio Grande do Sul são oferecidas bebidas e muito comida aos presentes, chegando certos velórios a tornarem-se motivos de agradáveis encontros e reencontros (fato observável também em várias outras localidades e mesmo em União da Vitória).

O século XIX torna-se marco importante na caracterização dos cemitérios, sendo que Silva (*op. cit.*) comenta que através de um decreto em França, de 12 de Junho de 1804 determinava-se o enterramento sem a sobreposição dos cadáveres. Passou-se à criação de tumbas individuais, à proibição de reutilizá-las senão depois de cinco anos e, principalmente, a determinação de uma distância limite do perímetro urbano.

A respeito disso, Ariés (1983, p.519) comenta que o cemitério volta-se à topografia no início do século XIX e, na organização das cidades modernas saiu do lado das igrejas e passou para lugares previamente planejados e afastados do perímetro urbano.

E é assim que a necrópole, na cidade, tornou-se um simbólico sistema que confere idéias representativas de tudo que acontece e é símbolo de cultura, como por exemplo, quando se fala em tempo e espaço, norteando situações de realidade que permitem a visão permanente da existência do indivíduo. Esse indivíduo, sobre o qual falam Vaz, Mendonça e Almeida (2002, p.47), constrói narrativas e discursos, renovando-se na identidade pessoal e nas contraditórias relações com “o outro”, tecendo um lugar para si e reconhecendo esse mesmo lugar como pertencente ao outro; trata-se, isto, do pertencimento a uma cultura e da construção da identidade subjetiva nela.

Sociedade, cultura e costumes são reproduzidos no Cemitério Municipal “Bom Jesus” de União da Vitória, o qual foi construído no começo do século XX (em 1917) em razão da divisa criada entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina, com o término da questão de limites denominada da Guerra do Contestado. União da

Vitória foi, dentre as duas, a cidade que necessitou da construção da necrópole, pois Porto União já possuía o seu cemitério.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO CEMITÉRIO “BOM JESUS”

3.2.1 O cemitério e a cidade de União da Vitória

O cemitério de União da Vitória é denominado, como já dissemos “Cemitério Bom Jesus”, mais conhecido, porém, como Cemitério Municipal. Seu estudo permite-nos um importante entendimento da situação urbana, econômica e religiosa da sociedade uniãovitoriense, ao passo que se torna indispensável estudo da composição da história e da geografia local que poderá servir de base para posteriores trabalhos.

A cidade de União da Vitória tem características pouco comuns em relação à grande maioria dos municípios: a localização geográfica possibilita um limite com o município de Porto União, no Estado de Santa Catarina, cuja demarcação física é a linha férrea, em desuso, não existindo nenhum outro tipo de obstáculo, seja natural ou construído, que identifica as diferenças territoriais e culturais entre as cidades, de forma que são chamadas de “cidades gêmeas”.

União da Vitória e Porto União são cidades irmãs. São, inclusive, irmãs gêmeas. Nasceram no dia 20 de Outubro de 1916. Foram, porém, registradas em épocas diferentes. União da Vitória apenas trocou de nome (pois o anterior era Porto União da Vitória). Porto União só oficializou-se em 25 de Agosto de 1917 (LAZIER, 1985, p.5)

As cidades gêmeas caracterizam-se sociologicamente por aspectos que envolvem o imaginário calcado no medo, nas elucubrações a respeito da ocorrência possível de uma nova e grande enchente³⁸; no místico Monge do Contestado³⁹ e na

³⁸ Segundo Lazier (1985.), a cidade tem origem a partir da descoberta do vau do Rio Iguaçu, em cujas margens foi estabelecida em 1842. Desde 1891 existem registros de cheias que provocaram sérios danos à cidade (altura do nível do rio a partir de 7 metros) em 1905, 1911, 1935 e 1983. A maior delas ocorreu em 1983, quando o Rio Iguaçu, que tem um nível médio normal de 3,16 m (segundo dados da Defesa Civil municipal), chegou a uma altura máximo de 10,42 metros. A referência que fazemos ao medo e elucubrações reside no fato de que há uma frase muito conhecida na região que diz: “Há uma lei empírica da topografia para Porto União da Vitória: enchente maior ainda está por vir” (essa frase está escrito num local que marca onde houve o mais alto nível do Rio Iguaçu, na enchente do ano de 1983).

³⁹ É a questão do Messianismo, na região, em razão e durante a Guerra do Contestado (conflito armado ocorrido entre 1912 e 1916), tratando questão de limites entre Paraná e Santa Catarina.

fundação (econômica) da cidade pelo Coronel Amazonas⁴⁰ que, em decorrência disto, tornou-se personagem significativo na história da cidade, ficando definitivamente representado no mausoléu central e principal do cemitério (Fotografias 7 e 8).



Fotografias 7 e 8 : Jazigo da Família Amazonas. A primeira mostra uma visão a partir da entrada do cemitério, na avenida principal e a segunda detalha o pórtico do mausoléu.
Fonte: acervo do autor.

União da Vitória está distante 240 quilômetros da Capital do Paraná. Sua área terrestre é de 713.565 km², a altitude em relação ao nível do mar é de 752 metros e a população estimada é de 51.858 habitantes (destes, a população economicamente ativa é de 21.918 pessoas). Compõe a Micro-região do Médio Iguaçu⁴¹, com mais 8 municípios (sendo dentre eles o município principal (figura 1)).⁴²

Como na “Guerra de Canudos” (na Bahia) surgem monges (João Maria e, depois, José Maria) que idealizam um novo mundo, um fanatismo em torno de um sacerdote beatificado. O misticismo continua, pois a crença popular diz que a enchente que está por vir tem relação direta com a “vingança” do monge João Maria por não ter recebido um copo d’água, em uma casa, quando peregrinava por União da Vitória. Como fonte de conhecimento maior, recomendamos as seguintes leituras: TONON, E. **Ecos do Contestado**: rebeldia sertaneja. Palmas: Kaigang, 2002; QUEIROZ, M.V. (org) **Messianismo e Conflito Social**: a guerra sertaneja – 1912-1916. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

⁴⁰ “Em 1880 o Coronel Amazonas de Araújo Marcondes estabeleceu-se na povoação de Porto União da Vitória. Organizou uma empresa de transporte fluvial, passou a adquirir mercadorias para a região e, em 1882, comprou no Rio de Janeiro o vapor ‘Cruzeiro’, dando novo impulso à povoação de União da Vitória” (LAZIER, op. cit., p. 21).

⁴¹ Referência ao Rio Iguaçu, o qual percorre uma grande extensão do Estado do Paraná, iniciando na região metropolitana de Curitiba e terminando na cidade de Foz do Iguaçu. União da Vitória está no eixo médio do trecho percorrido pelo rio. (Cf. SEC-CORPRERI (Sociedade de Estudos Contemporâneos – Comissão Regional Permanente de Prevenção Contra Enchentes do Rio Iguaçu).

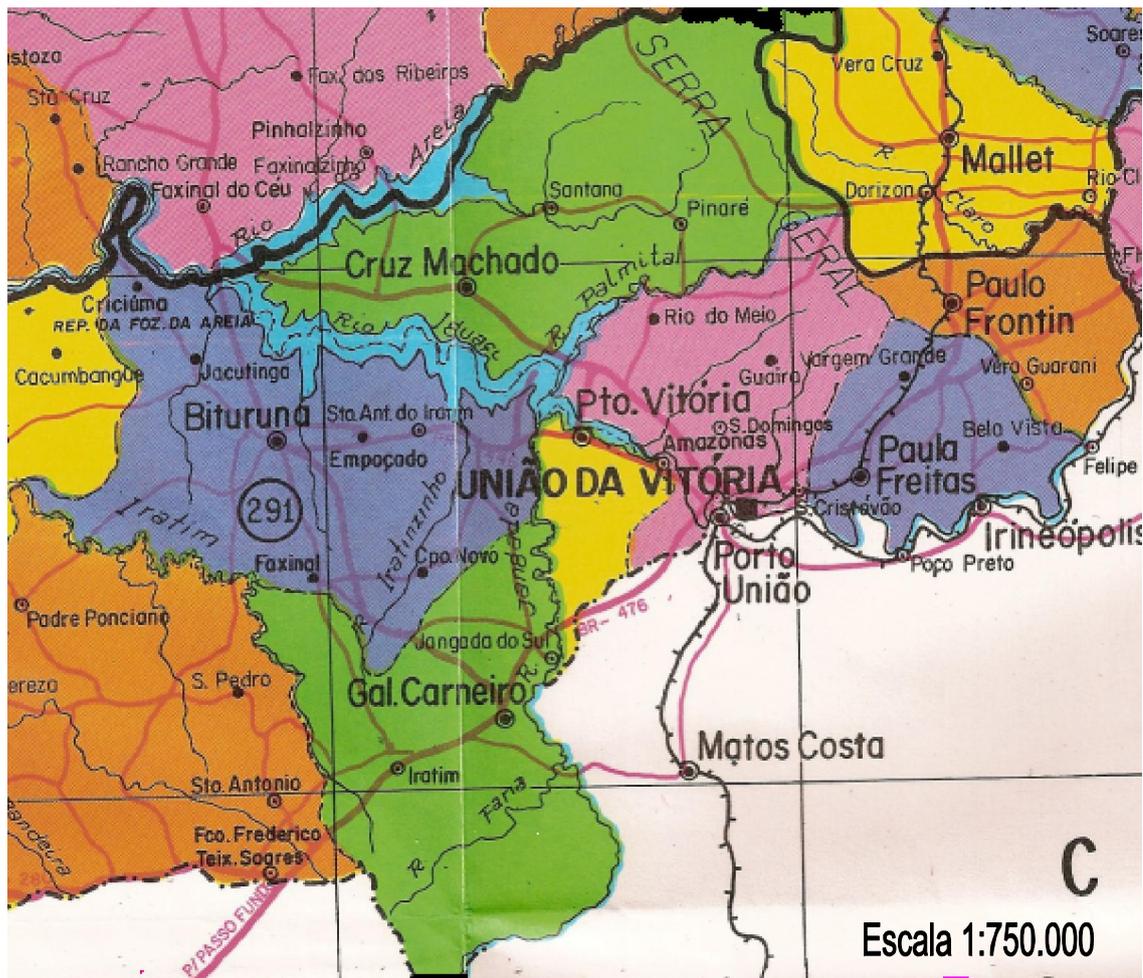


Figura 1: Mostra a localização geográfica da cidade de União da Vitória como pólo de sete municípios compõe o Médio Iguaçu: Bituruna, Cruz Machado, Porto Vitória, Paulo Frontin, Paula Freitas e General Carneiro – demarcados, no mapa, pela linha mais escura ao norte e pelo traço em negro ao sul.

Fonte: PARANÁ Rodoviário, Político, Turístico, Escolar. Editora Trieste. 2007.

Quando iniciamos nossas visitas no Cemitério de União da Vitória não inferimos, de imediato, os valores urbanos depositados naquele campo. No entanto, com as rotineiras visitas e, posteriormente, com as fotografias que fizemos no local, percebemos claramente que o nosso espaço também é transformado; e para não enveredarmos no terreno intuitivo da “continuação da vida” pela simbologia, avaliemos os significados urbanos, as posturas, as continuações da cidade que ali estão estabelecidas.

Opúsculo encadernado. Tema: **Conhecendo e convivendo com enchentes**. Avaliação e histórico das enchentes do Rio Iguaçu e suas conseqüências nas cidades de União da Vitória, PR e de Porto União, SC. 1999. 46 p.

⁴² Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em www.ibge.gov.br – acessado em 23 de Junho de 2007.

Institui-se, no entendimento a partir de Lynch (1960), a materialidade para as recordações e homenagens, unindo os grupos por símbolos, signos e comunicação comuns.

No caso do Cemitério Municipal os símbolos comuns mostram a função da urbanização dentro do campo sagrado. A cidade fica continuada no local que está, explicitamente, reservado para os mortos. Está presente nos avisos, nas advertências, na administração, na arquitetura e no cotidiano. Neste último caso, pudemos ouvir alguns depoimentos interessantes, colhidos nas entrevistas e em conversas que surgiram espontaneamente durante nossas visitas de pesquisa naquela necrópole, parte dos quais escreveremos na nossa apresentação de resultados.

3.2.2 A localização do Cemitério Municipal

A sua construção ocorreu em virtude da divisão de terras em 1916, quando foi assinado o Acordo de Limites⁴³ entre os Estados do Paraná e de Santa Catarina. Está localizado bem no anel central de União da Vitória, fazendo parte da imagem urbana, encravado no eixo principal do centro da cidade, na Rua Clotário Portugal (fotografia 9). Essa rua é de entrada da cidade, tanto para quem vem de outras cidades do Paraná (de São Mateus do Sul, Curitiba, Ponta Grossa, por exemplo) como de quem vem do Distrito de São Cristóvão, pertencente a União da Vitória (distante cinco quilômetros do centro), que tem cerca de vinte mil habitantes.

⁴³ Acordo que dividiu política e administrativamente a cidade em duas: Porto União e União da Vitória. (Nota do autor).



Fotografia 9: Visão aérea de parte do Centro de União da Vitória, região adjacente ao Cemitério, o qual aparece imbricado nas construções urbanas. Ver no anexo B a foto ampliada. Fonte: AEROART – Fotos aéreas de União da Vitória.

3.2.3 Características gerais do Cemitério Municipal de União da Vitória

Elaboramos um roteiro para nossa leitura do cemitério e, para bom uso das informações ou imagens trazidas para esta pesquisa, concluímos um esboço geral de seu território.⁴⁴ No croqui consta os números das avenidas e alamedas no cemitério, dos túmulos e os serviços. Assinalamos os pontos que correspondem nossos comentários adiante.

⁴⁴ Tendo em vista a dimensão do croqui (em tamanho 0,80 por 1,00 metro), está anexo nesta dissertação, servindo de base para a análise espacial que fizemos.

Cabe salientar que o croqui não é um mapa, mas está numa escala geográfica de 1:100 metros. O croqui é um desenho que permite determinar a localização de túmulos e mausoléus, principalmente aos que constam em nossa pesquisa.

Na entrada, a visão que representa o Cristo Redentor, dá-nos a sensação de um “guarda”, cuja função é definir as “entradas e saídas”, isto é, sabe os que ficam para sempre, vê os que saem e que os retornarão. Na entrada está a imagem do “Cristo Redentor”, com 3,7 m (três metros e setenta centímetros) de altura. (Fotografia 10).



Fotografia 10: Imagem do Cristo Redentor, na frente do Cemitério Municipal de União da Vitória.

Fonte: Acervo do Autor.

À esquerda há a imagem dos heróis, o enaltecimento pátrio, uma área bem definida, bem na entrada (inclusive cercada), que se chama Mausoléu do expedicionário.

Quando andamos, ainda à esquerda, até o muro que divide o cemitério com o resto da cidade, está o requintado mausoléu da família “José Jorge”, o qual representa o caso dos imigrantes italianos que, na chegada em União da Vitória e na sua permanência, não foram aceitos, dentro de uma sociedade predominantemente sírio-libanesa (informação verbal).⁴⁵

⁴⁵ Informado pelo estudioso das etnias locais Paulo Horbatiuk, professor de História do Paraná na Universidade da Cidade de União da Vitória.

E, bem nos fundos, há a idéia, tendo em consideração a péssima conservação do local e dos túmulos, de uma favela (no entendimento, como já escrevemos anteriormente, de um aglomerado de casebres), um quadro fotográfico que escolhemos aleatoriamente, mas dá o dimensionamento da relação social dos considerados menos favorecidos socialmente ou financeiramente. Tornam-se empobrecidos na vida e na morte.

Quando da construção do cemitério, durante as escavações do terreno, informações verbais⁴⁶ dizem que encontraram um corpo de menino com cerca de três anos, que não teve identificação nominal. Diz-se que foi o primeiro a ser enterrado no cemitério municipal; sobre o local de seu enterramento colocou-se uma estátua de anjinho (fotografia 11) e sua localização é próxima ao Cruzeiro e à necrópole da Família Amazonas Marcondes (informação verbal).⁴⁷

Não existe documentação a respeito do primeiro enterramento oficial. Segundo informações colhidas junto a pessoal que trabalha na Prefeitura Municipal de União da Vitória, muitos documentos foram consumidos por terceiros, seja por empréstimos, seja por extravio, em administrações anteriores. Não existe nem mesmo uma planta do cemitério ou cópia dela, de forma que elaboramos um croqui, com auxílio de um desenhista local, o qual está anexo no final deste trabalho.



Fotografia 11: a estátua do “anjinho” .
Fonte: Acervo do autor.

⁴⁶ Conforme “contado” por funcionários do cemitério Bom Jesus.

⁴⁷ Narrativa feita, em entrevista, por um dos funcionários do cemitério, sobre o qual, para a publicação deste texto, mantemos o anonimato.

No cemitério foram afixadas placas impeditivas para o trânsito de bicicletas, já que é possível, realmente, transitar por aquele local com tal veículo; como também há a possibilidade de transitar com motocicleta, por exemplo; assim, há uma previsão legal para que isto não ocorra, como se lê no Artigo 204, caput e letra g do Código de Posturas do Município: “No cemitério é proibido: (...) g – a circulação de qualquer tipo de veículo motorizado, estranho aos fins e serviços atinentes ao cemitério, salvo nos locais previamente definidos”. (Fotografia 12).



Fotografia 12: Placa indicando sinalização de trânsito.
Fonte: Acervo do autor.

Outra advertência está em relação à saúde pública, tratando-se de texto que adverte sobre os riscos de doença em razão da possibilidade de água acumulada. (Fotografia 13).



Fotografia 13: Placa de advertência. Preocupação com a saúde pública.
Fonte: acervo do autor.

Pudemos constatar que tais placas têm funcionamento adequado e localizado no que chamamos de “parte nobre” do cemitério, onde se situam os jazigos das famílias consideradas financeiramente abastadas e tradicionais; ou no “centro do cemitério” onde está situado o jazigo de homenagem ao fundador da cidade.

Nos casos em que não há cuidado com a higiene, limpeza, conservação ou saúde, deve-se lembrar que o Código de Posturas é claro no seu artigo 201, parágrafo primeiro: “Os jazigos nos quais não forem feitos serviços de limpeza, obras, conservação e reparos, julgados necessários, serão considerados em abandono ou ruína”.

3.2.4 Cemitério e Lei de Zoneamento: breve analogia entre as questões legais comuns para a cidade e para a necrópole

De acordo com a legislação contida no Plano Diretor⁴⁸ de União da Vitória, pois o Cemitério Municipal é uma área social, de forma que não fica de fora do planejamento que se faz a respeito da cidade.

Consideremos, desta forma, a Lei de Zoneamento⁴⁹ do Município de União da Vitória⁵⁰, a qual declara os cemitérios como “serviços específicos”, em razão das suas “atividades peculiares cuja adequação à vizinhança depende de uma série de fatores a serem analisados pelo órgão competente, para cada caso (...)” (LEI DE ZONEAMENTO, 1991, Art. 11, letra d).

⁴⁸ Um plano diretor é de responsabilidade do governo municipal e executado por planejadores urbanos. O plano mostra a cidade na atualidade e como ficará, considerando terreno, infra-estrutura pública. A idéia é que o plano diretor cumpra uma função social e contemple as questões sociais como educação, vias públicas, segurança, água e esgoto e meio ambiente. (Nota do autor).

⁴⁹ **Zoneamento** é um tradicional instrumento do planejamento urbano, profundamente difundido durante o século XX, caracterizado pela aplicação de um sistema legislativo (normalmente em nível municipal) que procura regular o uso, ocupação e arrendamento da terra urbana por parte dos agentes de produção do espaço urbano, tais como as construtoras, incorporadoras, proprietários de imóveis e o próprio Estado. (RAIMUNDO, C.P.; ALMEIDA, W.C. de. **Dicionário Imobiliário**. (Florianópolis: Editora Imobiliária, 2002, p. 135).

⁵⁰ “A administração dos cemitérios é de autonomia dos municípios, conforme está exposto na Constituição Federal, no seu artigo 30 e incisos”. (RAIMUNDO, ALMEIDA, op. cit., p.35).

Assim, a premissa de que o Cemitério é área social (enquanto urbanizável⁵¹ e de uso coletivo) tem fundamento já no começo da legislação municipal. Temos o escopo, para isso, das considerações a respeito do espaço de socialização que se pode entender no cemitério municipal de União da Vitória (tema que abordaremos mais adiante).

Tão importantes são os cemitérios para as cidades que, no caso de União da Vitória, o Código de Posturas do Município, publicado em 1961, determina que “os cemitérios, por sua natureza, são locais respeitáveis e devem ser conservados limpos e tratados com zelo” (Seção VI – dos Cemitérios – Art. 198 e seguintes). Determinação legal que não é de surpreender, pois se trata de necessidade e de utilidade pública, principalmente por ser um local público inserido bem no centro da cidade.

Não devemos deixar de considerar, no entanto que, quando o cemitério foi construído, a cidade ainda não estava planejada, sendo que aquele terreno era considerado distante da cidade – uma distância de aproximadamente dez quilômetros ao norte - região onde estava concentrada a maior parte da população.

Continuando a análise da Lei, vimos que a respeito do Cemitério, ela também cita que “suas áreas devem ser arruadas, arborizadas e ajardinadas, de acordo com as plantas aprovadas e providas de fechamento externo”, o que é exatamente o ponto que queremos elucidar: o cemitério é um espaço tão comum quanto a casa, o cinema, a praça, o passeio público ou a ponte.

Outro fator que revela a importância do espaço em estudo é a previsão legal a respeito de sua forma de ocupação e sua utilidade social. Tal estudo permite a prática livre de todos os cultos religiosos, “com sepultamentos feitos sem a indagação de crença religiosa, princípios religiosos ou ideologia política do falecido”. (Art.198, parágrafo 4º).

Quanto à pertença na arquitetura do município, o Código de Posturas também dá diretrizes com relação às construções cemiteriais quando se refere à manutenção, construção e dimensões do Jazigo:

⁵¹ A Lei Federal nº 6776/79 considera urbanizável a área capaz de possuir ao menos dois melhoramentos entre: meio fio ou calçamento, abastecimento de água, sistema de esgoto sanitário, iluminação pública em rede, escola até a três km de distância e posto de saúde. Em síntese, área urbanizável, conforme a Lei supra-citada, é aquela onde seja possível parcelamento do solo. (RAIMUNDO, C.P.; ALMEIDA, W.C. de. **Dicionário Imobiliário**. Florianópolis: Editora Imobiliária, 2002, p. 72).

Artigo 200 – Os sepultamentos em jazigos sem revestimentos, sepulturas, poderão repetir-se de 05 (cinco) em 05 (cinco) anos, e nos jazigos com revestimentos-carneiros⁵², não haverá limite de tempo, desde que o último sepultamento feito seja convenientemente isolado.

Parágrafo 1º: Considera-se como sepultura a cova funerária aberta no terreno com as seguintes dimensões:

a – para adultos, 2, 50 m (dois metros e cinqüenta centímetros) de largura e 1,75 m (um metro e setenta e cinco centímetros) de profundidade e 0,70 metro de largura.

b – para crianças 1,50 m (um metro e cinqüenta centímetros) de comprimento por 0,50 (cinqüenta centímetros) de largura e 1,70 m (um metro e setenta centímetros) de profundidade.

Quando se refere ao prazo de uso dos sepultamentos em jazigos, o Código Municipal está de acordo com o direito funerário vigente, como podemos verificar a seguir:

Nas concessões temporárias, vencendo o prazo de sua validade, extingue-se o direito. Geralmente o prazo é de 5 anos, para adultos, e de 3 anos, para crianças. Há, entretanto, localidades onde é estabelecido prazo maior. Nestes tipos de concessões, a figura jurídica que norteia os direitos das partes é a locação. Assim, advindo o termo de sua vigência, extingue-se o direito. (SILVA, 2000, p.259, Vol. II).

A lei prevê a perda da concessão do túmulo pelo abandono, que não significa deixar de visitar, mas deixar de dar o devido zelo e tomada das providências quanto às normas administrativas do cemitério. A prevenção contra o abandono quer dar sustentação a manter o túmulo do falecido em condição digna em termos de limpeza e cuidados. Outra vez a demonstração do zelo urbano necessário para identificar o cuidado com o objeto, não com a pessoa.

A cidade caracteriza-se por construções belíssimas, médias ou casebres denominados de favelas. As pessoas são coadjuvantes em tal contexto; assim, fica entendido que se configura o cemitério como sua extensão. Façamos uma comparação com o artigo 109, do Código de Obras do Município (1991), quando se refere, na sua seção IV, aos Cinemas, Teatros, Auditórios e Similares:

Artigo 109 – As edificações destinadas a cinemas, teatros, auditórios e similares, deverão atender as seguintes disposições:

I – Ter instalações sanitárias separadas por sexo, com as seguintes proporções mínimas:

a – Para o sanitário masculino, um vaso sanitário, um lavatório e um mictório para cada 100 (cem) lugares;

b – Para o sanitário feminino, um vaso para cada (cem) lugares;

⁵² Art. 200, Parágrafo 2º - Considera-se como carneiro a cova ou construção acima do solo, com as paredes revestidas de tijolos ou material similar, tendo internamente, no mínimo, 2,50 metros de comprimento por 1,75 metros de profundidade e 0,70 metro de largura (Código de Posturas).

c – Para efeito de cálculo do número de pessoas, será considerado, quando não houver lugares fixos a proporção de 1,00 m² (um metro quadrado) por pessoa.

Verificamos, aí, que há a determinação das dimensões das salas de espera, no artigo 110, o qual prevê que elas “deverão apresentar, nos cinemas, área útil não inferior a 13 dm² (treze decímetros quadrados) por pessoas e, nos teatros, 20 dm² (vinte decímetros quadrados) por pessoa” e o artigo 111, em relação ao pé-direito útil quando estabelece: “não será inferior a 2,50 m² (dois metros quadrados e cinqüenta centímetros)”.

Tanto na área de sepultamento dos mortos, quanto na área de lazer dos vivos, há a mesma característica de estabelecimento legal de dimensionamento por pessoa, fato que pode ser verificado no todo do mesmo Código quando se refere a construções, sejam residenciais, comerciais ou de serviço (o serviço cemiterial está inserido neste último caso).

3.3 A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA NO CEMITÉRIO E A SOCIEDADE UNIÃOVITORIENSE

Como vimos, desde a mais remota antiguidade existe o costume de inumar os mortos. A cultura ocidental atual mantém – muito embora com outros padrões – tal costume, pelo qual se mostra respeito e acatamento aos falecidos.

Por isto os cemitérios possuem, sempre, símbolos sociais⁵³, próximos aos símbolos do cotidiano da “cidade”, com as características elementares dos heróis, do poder de famílias ou de expressões da religiosidade popular.

Quando entendido como “campo santo”, carrega-se de dados que fornecem informações importantes para a História, para a Geografia e para as demais ciências sociais.

⁵³ Não nos referiremos à iconografia tumular de maneira específica, para isto seria necessário outro estudo. No entanto, é oportuno citar, a respeito dos símbolos nas representações sociais a seguinte inferência: “Para compreender como a Sociedade se apresenta a si própria e ao mundo que a rodeia, é a natureza da sociedade, e não dos particulares, que devemos considerar. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com o que ela é.” (DURKHEIM, É. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martim Claret, 2003. p. 21).

Previamente à análise dos símbolos no Cemitério Municipal de União da Vitória, consideramos necessária explicação da inclusão do termo “símbolo” e sua implicação terminológica na vereda metodológica que seguimos.⁵⁴

É senso comum que símbolo e representação têm o mesmo significado, o que subsiste entre alguns autores, muito embora a maioria determine várias especificidades conceituais. No “Dicionário das Religiões” de Hinells (1995, p. 249) encontramos que o símbolo é “objeto ou atividade que representa outra coisa ou está no lugar dela”. Já no “Dicionário de Símbolos” há a seguinte inferência:

O símbolo é muito mais do que um simples signo ou sinal: transcende o significado e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição. Está carregado de afetividade e de dinamismo. Não apenas representa, como realiza e anula ao mesmo tempo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, XVIII)

Assim, enquanto o signo é lingüístico e arbitrário em relação ao objeto, o símbolo é “sonoro”, significante e depende do que o objeto oferece em termos de significação para sua compreensão. Desta forma, acontece uma relação entre o símbolo e quem o percebe, o que não acontece com o signo, já que este não nos remete ao objeto senão por um nome meramente atribuído.

Apesar da definição acima, verificamos em nossa pesquisa que não há consonância entre alguns autores da diferenciação entre signo e símbolo. Há a diferença porque existem interpretações de acordo com os fenômenos ou métodos. Por exemplo, Gusdford (1960, p. 7) diz que “o homem cria símbolos como signos arbitrários em relação ao objeto”. Nesse caso, está associando “símbolos e signos” como termos comuns, ao contrário dos dois autores anteriores – Chevalier e Gheerbrant – que expressam “símbolos e signos” com significados diferentes para cada um dos dois conceitos.

Na mesma obra, Gusdford acrescenta que o símbolo sintetiza as expressões do inconsciente e da consciência humanas e que, desta forma, deve ser entendido de acordo com as variações com que é aplicado.

Entendemos, assim, que as definições cotidianas – aquelas encontradas em dicionários ou citadas coloquialmente – levam a entender, em síntese, que signos

⁵⁴ Veremos que etimologicamente, o termo “símbolo” é difusamente tratado. Muitos optam pelo seu estudo na metafísica. Como o nosso método escolhido é o das representações sociais, utilizaremos o termo “símbolo” de acordo com as definições que não conflitam com o método que optamos.

são expressões que padronizam ou convencionam uma linguagem geral. O símbolo, porém, é o resultado da homogeneidade entre significante e significado, conforme o que segue:

O símbolo diferencia-se essencialmente do signo por ser, este último, uma convenção arbitrária que deixa alheios um ao outro o significante e o significado (objeto ou sujeito), ao passo que o símbolo pressupõe homogeneidade do significante e do significado no sentido de um dinamismo organizador. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, XVI).

Desta maneira, ao atrelarmos a noção de símbolo, com a noção de representação social, estamos demonstrando que o cemitério – como espaço de representação – expressa a relação dual entre o sujeito e o objeto, com o entendimento e a relação que a sociedade faz de ambos, pois universaliza as expressões e interpretações individuais a respeito dos símbolos.

O símbolo é entendido por Bellomo (2000, p. 121) no estudo cemiterial “não como objeto concreto, e sim, com o significado que este pode trazer, isto é, a transmissão de culturas e valores sociais”.

Há, sem dúvida, uma possibilidade de elaborarmos um referencial teórico mais longo a respeito da definição do símbolo. Nosso trabalho, porém, é mostrar a sua dinâmica nas relações sociais no cemitério, de forma que acreditamos que as definições até aqui apresentadas são suficientes quando relacionadas com nosso objeto de estudo e com o método que abordamos, quando se lê que:

Os seres humanos experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano, através de seu engajamento direto enquanto seres pensantes, com sua realidade sensorial e material. A produção e reprodução da vida material são, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através dos códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica. (COSGROVE, 2003, p.103).

Levando-se em conta que há uma gama de informações coletivas nos símbolos de qualquer lugar de produção e reprodução da vida material, entendemos que os símbolos no Cemitério, conduzidos pelas formas de representações sociais, expressam a história e a cultura da sociedade local. A propósito, há a consideração de Moscovici (2005, p.307) que “as representações sociais estão relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe linguagem”⁵⁵,

⁵⁵ A citação já foi feita no capítulo 2 deste trabalho. Consideramos, porém, a importância em repeti-la de forma a contextualizar a discussão entre símbolo e representação social, de maneira incisiva. (Nota do Autor).

Vislumbramos, ainda, a comunicação estética⁵⁶ através do que elegemos como o mais belo jazigo, existente no Cemitério: o da família José Jorge. Há nele uma junção de estilos modernos e antigos – as arcadas brancas são de formato de arco romano, enquanto que o piso e o material de revestimento tumular parecem ser feitos de mármore importado e com design o qual, muito embora sem termos o conhecimento arquitetônico necessário.

O cemitério também é um lugar carregado de sentimentos e emoções que contam algo da história da cidade. Não se trata de uma exclusividade do Cemitério Municipal de União da Vitória, mas nele existem fatos que têm muita importância social e que revelam os acontecimentos fora do cemitério que são revistos e valorados dentro do cemitério.

Vejamos um fato histórico e interessante narrado a respeito do túmulo de Sofia Winharski⁵⁷, enterrada em 5 de março de 1930 e de José Tavares, enterrado em 30 de agosto do mesmo ano. Conta-se que ambos foram vítimas de jagunços (conforme texto na estela tumular – placa de identificação da pessoa e do fato que levou à sua morte -, acrescido de informação verbal)⁵⁸ na revolução de 1930.⁵⁹ Sofia era proprietária de um pequeno armazém na atual Avenida Manoel Ribas; no dia 5 de março daquele ano revolucionário, quando foi fechar a porta do estabelecimento, alguns jagunços surgiram do meio do mato, a uma distância de mais ou menos 15 metros de onde ela estava; à porta do comércio estava o seu freguês José Tavares, que saía naquele instante. Avistando os jagunços, Sofia tentou puxar para dentro o José, instante em que um tiro certeiro atingiu a este, bem no peito; era um projétil de fuzil, o qual atravessou o corpo do homem e atingiu o coração de Sofia. Ela teve morte instantânea. Ele ficou ferido e faleceu cinco meses depois.

⁵⁶ A escolha é arbitrária, pois consideramos que a informação estética não é esgotável em uma única leitura e pode ser lida de várias maneiras por pessoas diferentes, dependendo do que é captado ou da disponibilidade de análise dos receptores. (Cf. ECO, H. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1971, p. 33).

⁵⁷ Nome verdadeiro, autorizado por parentes de ambos.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Resultado do movimento tenentista de 1922 (18 do Forte de Copacabana) e de 1924 (Coluna Prestes), foi um grito de alerta contra as oligarquias. O Paraná estava numa posição geográfica destacada entre o Rio Grande do Sul e São Paulo. (LAZIER, 2003, p.119). No caso de União da Vitória, as tropas vinham do sul em direção a Ponta Grossa, de forma que alguns combates ocorriam na região. A propósito do tema, interessantes leituras podem ser encontradas, além de Lazier, em WACHOVICZ, R. C. **História do Paraná**. 2 ed., Curitiba: Editora dos Professores, 1968 e LIMA, L.M. **A Coluna Prestes: Marchas e Combates**. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.

Com tais narrações entende-se que, no cemitério, a noção do lugar passa a ser uma apropriação por parte do indivíduo, que faz abstração do espaço, identificando-se com ele, determinando-o como campo carregado de sentimentos e emoções; nessa identificação existem três elementos congruentes: a pessoa (é o ator social), o lugar (é o terreno do cemitério) e os sentimentos, emoções e lembranças (a representação do lugar).

A cidade, sob este ponto de vista do lugar, é um ponto de referência visual, de acordo com seus ícones, pois

(...) a iconocidade da imagem é o recurso utilizado para resgatar a aparência urbana e é responsável pela tentativa de fazer a cidade, sobretudo a moderna, apresentar um visual sempre novo, saneado e adequado. Referencial, a imagem urbana cumpre a tarefa funcional de demarcar e assinalar o espaço, seus roteiros, lugares e geografia; ou seja, como bússola icônica da cidade, é responsável pela orientação e economia dos seus caminhos. Desse modo, a imagem da cidade é pontual e traça o percurso da cidade com marcas descontínuas.(...) Segura, a imagem urbana não sugere dúvidas sobre a informação que veicula(...) A imagem organiza a cidade, tornando-a simbólica e representativamente eficiente. (FERRARA, 2000, p. 120).

Fazendo uma relação histórico-cultural, temos o Jazigo da Família Amazonas que, como já vimos⁶⁰ é a representação das origens da cidade – isto é, da sua fundação, instalação e desenvolvimento inicial. Imponente, representa a figura do próprio Amazonas Marcondes de Araújo, citado pela maioria dos historiadores locais como um homem impulsionado para conquistas e de muita autoridade na região⁶¹.

Os principais logradouros do centro da cidade fazem homenagem ao seu fundador: Praça Coronel Amazonas (fotografia 14) – na qual está localizada a Faculdade Estadual de União da Vitória e a Catedral Diocesana, a Rua Coronel Amazonas, que é uma perimetral no município de Porto União (a cidade gêmea, no estado catarinense) e a Colônia Amazonas (na área rural de União da Vitória).

⁶⁰ Ver fotografias 7 e 8, no Capítulo 3, título 3.2.1, desta dissertação. (Nota do Autor).

⁶¹ Conforme lemos a partir dos autores locais, já citados neste trabalho: Lazier, Tonon, Sebben.



Fotografia 14: Foto aérea da Praça Cel. Amazonas. À esquerda, Catedral Diocesana, no outro lado – prédio amarelo – faculdade estadual. O direcionamento para o cemitério é à esquerda, olhando para a foto.
Fonte: AEROART – Fotos aéreas de União da Vitória.

A simbologia a que nos referimos também pode ser vista nas placas de advertência afixadas no cemitério (como os casos das placas de sinalização de trânsito e de avisos de saúde público – conforme já vimos). Acontece também na dinâmica urbana, como se vê a seguir (fotografias 15 e 16), algo típico sobre venda de um bem imobiliário usual no mercado imobiliário⁶² (como casa ou apartamento). A diferença é que no lugar da “Escritura Pública” (documento que legitima a propriedade de um imóvel), há o “Título de propriedade” (imagem 2 – a qual está na seqüência das fotografias 15 e 16).

⁶² “[...]é onde encontramos disponíveis imóveis novos ou usados, edificados ou não, para compra, venda, permuta, locação e administração, sendo regulado por costumes e leis específicas.” (RAIMUNDO, ALMEIDA. 2002, p. 210).



Fotografias 15 e 16: Jazigos à venda.
Fonte: Acervo do autor.

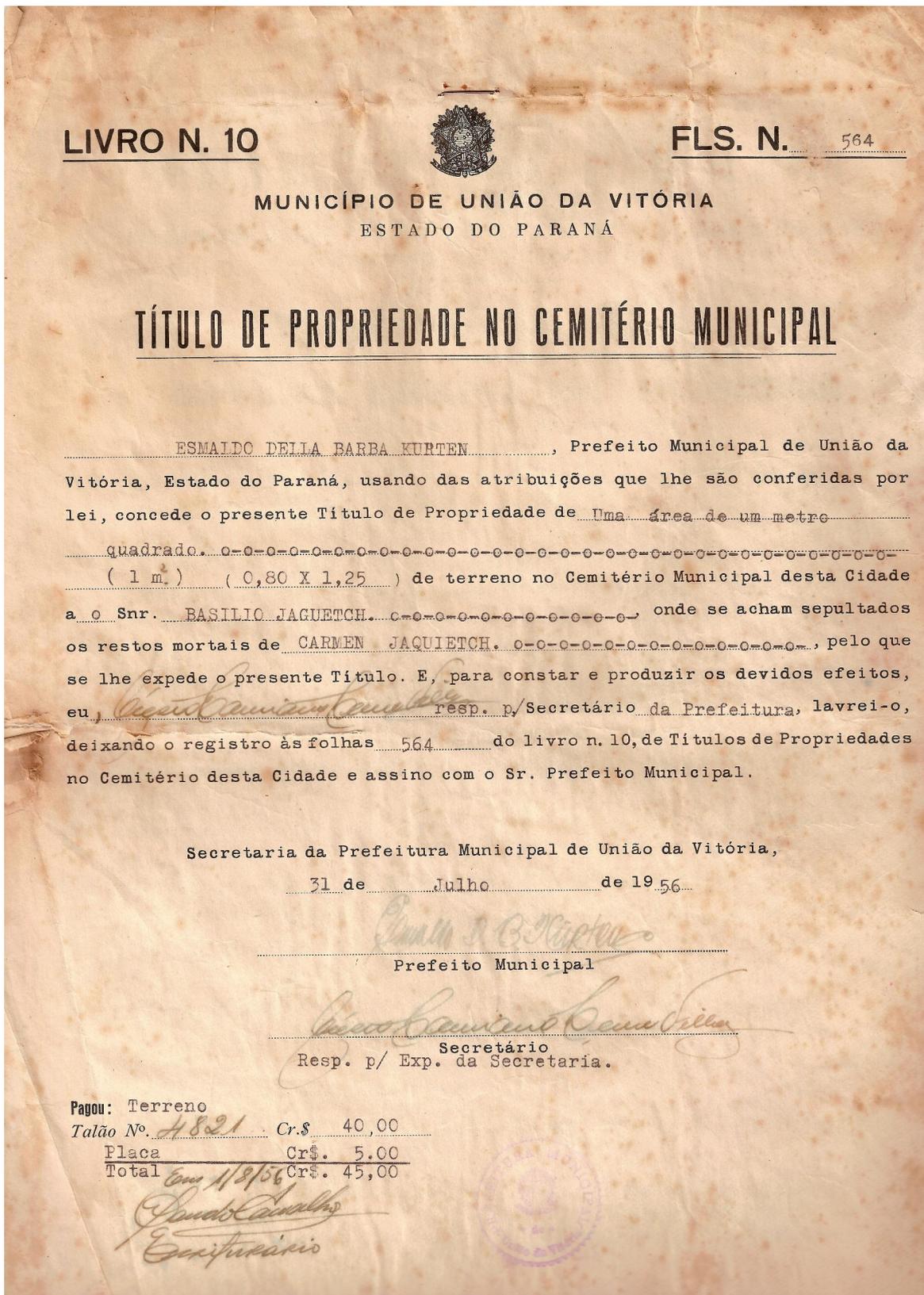


Imagem 2: capa do Título de Propriedade. (Documento original escaneado pelo autor).
Fonte: Arquivo do Cemitério Público Municipal de União da Vitória.

Outra representação é a dos heróis, os quais são sempre motivadores do “ufanar-se” pela pátria. Não se trata de uma manifestação ideológica, mas de uma crença naquilo que pode encorajar ou mitificar uma condição social. Desta forma, há o mausoléu do expedicionário, bem na entrada do cemitério e que realça a trajetória do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Porém, mais do que uma participação nacional, o mausoléu simboliza a força uniãovitoriense através da participação de seus pracinhas. (Fotografias 17 e 18).



Fotografias 17 e 18: na primeira há a visão geral do Mausoléu do Expedicionário (na entrada, à esquerda do cemitério). Na segundo o detalhe na estela identificando o local. Fonte: Acervo do autor.

Não somente os heróis, mas símbolos de contato com algo não conhecido também trazem ao cemitério a memória popular. A iconografia religiosa é, conforme as imagens fotográficas que já mostramos e daquelas que são naturalmente expostas no cemitério (como a cruz e outros símbolos cristãos) representantes do modelo que se alicerça nos conceitos de religiosidade existentes na cidade. Abaixo amostras do sincretismo⁶³ entre o Catolicismo e o Candomblé (fotografia 19).⁶⁴



Fotografia 19: Túmulo que apresenta duas imagens de aspectos religiosos distintos. Acima a imagem da Imaculada Conceição de Maria, para o Catolicismo e, abaixo, Iemanjá, utilizada no candomblé.
Fonte: Acervo do Autor.

⁶³ “Fusão de cultos ou movimentos religiosos. Em situações de contato intercultural, as religiões tendem a interagir, ou espontaneamente ou por adaptação intencional”. (HINNELLS, R. **Dicionário das Religiões**. Trad. Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1995, p.250).

⁶⁴ “Nos elementos do catolicismo [] nos cultos de umbanda[] o que chama mais a atenção é a identificação que se faz entre Santo e Orixá.[...] Algumas identificações não são iguais em todos os lugares, havendo variações.[...] Festas do calendário católico são festejadas com esse cunho sincrético: Imaculada Conceição (Iemanjá) [...]”. (OLIVEIRA, P.R. (Org.). **A Religião do Povo**. Curitiba: Studium Theologicum, 1976, p. 60).

Acreditamos, assim, que os símbolos, no cemitério municipal de União da Vitória são bastante voltados para a reprodução da vida social na cidade. O Cemitério mostra os sinais sociais identificados pela simbologia própria do momento de culto ao fundados, aos heróis (não estamos discutindo uma questão positivista, mas uma noção de simbologia) e à própria vida social.

Imbuídos dessa pesquisa, percebemos claramente que o símbolo está tanto para a cidade de União da Vitória quanto para o seu cemitério. Isto é, não há a cidade sem o cemitério e nem este sem aquela; os símbolos são, portanto, necessários a afirmação social. Este é um fato que notamos quando estudamos e entendemos as representações sociais.

Desta forma, cremos que com os fundamentos que até aqui foram estabelecidos, procuramos ser ao mesmo tempo esclarecedores e pertinentes, com a proposta de discussão a respeito da totalidade social que está imbricada no cemitério.

Não trataremos, aqui, dos símbolos tumulares que se registram em diversos tipos de cruzes e outros como: a palma, a pomba da paz, as imagens gerais de santos, haja vista que não consideramos oportuno dentro da nossa temática. No entanto, em Bellomo (2000), cuja obra já citamos neste trabalho, podem ser encontradas tais significações e mais outras.

4 DA TEORIA À PRÁTICA: O CEMITÉRIO COMO FONTE REVELADORA DA SOCIEDADE

Segundo Bellomo (2000) o estudo do cemitério serve como importante fonte de conhecimento da sociedade, seja na verificação dos valores instituídos ou das estruturas sócio-econômicas.

Junto à elaboração teórica utilizamos fotografias do cemitério, que fizemos durante o trabalho de campo, de forma a subsidiar toda a análise do espaço e suas representações sociais.

Para elucidar ou entender os posicionamentos dos viventes, realizamos várias entrevistas, observação constante de mausoléus e símbolos, exame de legislações municipais, colóquios e observações.

Quanto a documentos do próprio cemitério, não pudemos ter acesso, sobretudo pelo fato de muitos documentos terem sido extraviados ou perdidos por ocasião da enchente de 1983. Sabemos que as fontes históricas a respeito da necrópole municipal suscitam a implicação de abstração do espaço, à ligação pessoal com o ponto, o local, o limite territorial.

Com a análise dos elementos que utilizamos na pesquisa (o referencial teórico, as imagens, as entrevistas e os dados históricos e depois de analisar, dirigir o olhar, fotografar e prender-se ao “olhar fotográfico” – isto é, prestar atenção a todos os detalhes de cada fotografia, visitar e revisitar o cemitério, temos um campo de estudo intrigante, com possibilidades de estudo multidisciplinar.

Muito embora digamos que a morte é igual para todos, devemos considerá-la como discriminadora entre os vivos, dos que enterram os seus mortos, já que estes representam o significado da condição humana, seja no interesse da ciência ou nas representações sociais que revelam e provocam o discernimento da divisão de classes.

Necessário dizer que quando falamos em divisão de classes, procuramos não estabelecer apenas os conceitos que dividem as classes pela condição financeira mais elevada ou menos elevada. Abordamos uma questão de estruturas sociais que está na estabilidade sócio-profissional ou no acesso aos meios de comodidade, lazer ou “status” social.

Feita a primeira leitura a respeito do nosso interesse de estudo, passamos, na presente pesquisa, para as entrevistas, as quais nos permitiram uma experiência prática. Todos os nomes que serão citados ao final de cada transcrição de fala são fictícios, a fim de preservarmos a identidade das pessoas.

Elaboramos o esboço do lugar de estudo e não podemos deixar de lado um traço poético ao comentar que em tal lugar jazem os mortos da cidade, e nele há a representação das vidas abruptamente desfeitas, vidas heróicas, vidas duradouras e felizes, vidas de pequenos que em tenra idade deixaram o “lugar dos vivos”; pois são esses os universos existenciais humanos, quando se estuda o cemitério.

Muito embora a pesquisa exploratória nos levasse a pensar em estudos de casos para a compreensão das representações sociais nos cemitérios, optamos pela pesquisa de campo relacionada com o referencial teórico (ainda que com alguns estudos de casos, como já apresentamos).

As entrevistas aconteceram no campo de estudo e, juntamente com ela, realizamos observação direta, sintetizada através das fotografias apresentadas durante o texto. É importante ressaltar que, para classificar a forma da nossa pesquisa, baseamo-nos no texto a seguir:

O estudo exploratório possibilita ao pesquisador captar conhecimentos e comprovações teóricas a partir de investigações de determinadas hipóteses avaliadas dentro de uma realidade específica, podendo proporcionar o levantamento de possíveis problemas de pesquisa descritiva ou ainda experimental. (TRIVIÑOS, 1987, p. 189).

No passo seguinte, para a aplicação do método, optamos por uma pesquisa qualitativa, pois compreendemos que todo o contexto é subjetivo e volta-se para a representação, que se dá na memória social, o que é importante para um estudo descritivo como este, já que fica possível. A pesquisa empírica torna possível entender as variadas manifestações dos indivíduos, como seus valores, hábitos, atitudes, crenças e opiniões.

É importante dizer que todos os passos da pesquisa foram concomitantes entre si, isto é, enquanto ocorria o levantamento bibliográfico, de fontes e das leituras escolhidas, também acontecia a pesquisa de campo (com a captação de imagens) e as entrevistas, de forma que pudemos nos apropriar da realidade e compreender a relação teórica com a relação prática.

Como dissemos, o primeiro contato que tivemos para a pesquisa foi com o campo de estudo. Com as entrevistas fomos descobrindo diferentes manifestações a respeito do Cemitério. Desta forma, o contato pessoal, as conversas, os questionamentos a respeito dos motivos das visitas no cemitério, dizem respeito ao compartilhamento de idéias, características, traços, que aos poucos revelaram indícios unificadores da sociedade uniãovitoriense.

As cenas do lugar pesquisado, considerando as entrevistas, foram construídas cuidadosamente, com observações constantes, aplicações das teorias estudadas com a prática.

Pudemos desta forma, compreender que a identificação com o lugar não se refere apenas à morada habitual; ela envolve tudo aquilo que evoca memória e legado comum. Na relação com a morte, as pessoas revelaram durante nossa pesquisa (e entendemos que assim o é em generalidade) uma perda que provoca a conscientização da necessidade de continuar algum projeto de quem morreu.

A construção que se faz é um resgate da memória individual ou coletiva, uma forma de assegurar a permanência do outro que morreu a fim de assegurar o legado e a sobrevivência de um passado comum (com o morto) e necessário para a identificação social.

Quando entrevistadas, ou conversando livremente, as pessoas interessaram-se muito em revelar suas idéias a respeito da morte e da presença da memória do morto em suas vidas. De certa forma percebemos que o lar dos mortos passa a ser um lugar dos vivos.

Relacionamos sessenta e sete pessoas contatadas durante a nossa pesquisa. Optamos por não relatar todas as falas para não cair em repetições, muito embora não se queira desconsiderar a importância de cada um dos entrevistados para o bojo do trabalho.

Todas foram ouvidas no próprio cemitério, às quais dirigimos as perguntas da nossa pesquisa, mas nem sempre a pesquisa foi seguida sistematicamente. Deixamos que isto acontecesse, pois todos sempre queriam falar a mais, dizer algo em que não havíamos pensado ou perguntado.

Nas entrevistas, abertas que foram, pudemos coletar história e informações importantes. Não necessitamos formatar perguntas diretas e específicas; preferimos que as pessoas transmitissem suas informações de maneira despreocupada, sem

formalismo, o que muito facilitou nosso entendimento e o contato com os entrevistados.

4.1 NO “ÚLTIMO FIM DAS VICISSITUDES HUMANAS” AS MANIFESTAÇÕES DE REPRESENTAÇÃO DA VIDA

Ao enfatizarmos a questão de estratificação social, estamos demonstrando como a sociedade está tão dividida que nem mesmo num lugar que é chamado “santo” ou, coloquialmente, de “descanso”, há uma isonomia (estudamos um cemitério tradicional e não os atuais cemitérios-jardins, os quais já não são constituídos de acrópoles ou obras de arte), isto é, um princípio de igualdade.

Para que pudéssemos confirmar todo o arrazoado teórico até agora apresentado e que foi confrontado com as imagens do cemitério (fotografias), bem como para melhor tecer a idéia que propusemos no projeto, passamos a realizar os estudos de campo. Trata-se da análise do espaço a partir das representações e posicionamentos dos vivos ante aos artefatos construídos para os mortos.

Entendemos que as fontes – tanto primárias quanto secundárias – permitem-nos compreender o que há de mais próximo à representação social e, concomitantemente, ao relacionamento da pessoa com a sociedade e os motivos que determinam o tipo de ocupação no terreno cemiterial.

Constatamos, dessa forma, que uma pesquisa como essa causa espanto em muitos, por tratar-se do “cemitério”, com a indagação que alguns fizeram preconceituosamente: - Seria possível escrever uma dissertação sobre cemitério, ainda mais na seara geográfica?⁶⁵

Vê-se, pois, que não se tratam de meras especulações que causariam rara curiosidade a um leitor leigo ou a um cientista; isto é, não são elucubrações, nem uma vã tentativa de elaborar um arrazoado teórico que seja susceptível à obtenção de um título. Trata-se verdadeiramente de um tema científico, situado

⁶⁵ Muitas pessoas do relacionamento deste autor pareceram espantadas com o tema, muito embora haja vasta literatura a respeito (algumas apresentadas por nós). No mês de Julho deste ano soubemos da existência (e nos inscrevemos) numa comunidade nacional de assuntos cemiteriais na internete. (Nota do autor).

geograficamente, metodologicamente aplicado no estudo das representações sociais e que traduz a sociedade e a cultura união-vitoriense.

A iconografia, as estelas, a literatura tumular nos epitáfios e mesmo os cortejos fúnebres, velórios e sepultamentos inserem-se em uma dimensão que reúne sentenças dogmáticas, folclore do lugar, lendas e casos verdadeiros que foram transformados em grandes epopéias.

As profissões constituídas no cotidiano citadino também estão ali determinadas. Não há somente o coveiro. Há o administrador, os responsáveis pelos serviços de infra-estrutura (que se ocupam da manutenção dos sanitários, da limpeza das ruas, da colocação das placas de avisos e advertências). Existe o serviço imobiliário que está presente na venda de túmulos, o guardião do cemitério.

Pelas observações das pessoas entrevistadas diretamente (estranhos a nós, bem como de amigos, familiares, alunos, etc.), vimos que há um sistema de significação muito forte dirigida ao Cemitério. Além do túmulo do parente ou amigo visitado, as pessoas tendem a possuir uma relação de intelecção com o Cruzeiro⁶⁶, o Mausoléu do Coronel Amazonas, a Imagem de um menino que representa um anjo, o Mausoléu da Família José Jorge, etc.

O problema da representação e das percepções do lugar, cujo propósito intentamos, acaba ficando claro na visibilidade que as pessoas têm do cemitério e as comparações que fazem com a cidade. Também se apresenta na forma daqueles que no cemitério têm relações de amizade com pessoas que antes eram estranhas e acabaram tornando-se amigos, conhecidos ou casados. Há, portanto, uma relação de alteridade aparentemente maior do que a que ocorre nas ruas da cidade. No cemitério os relacionamentos parecem ser mais amigáveis.

Quanto ao lugar, ele passa a ser um elemento de conhecimento e identificação, depois a um lugar já conhecido. O lugar cemiterial provoca uma reflexão sobre a identidade da sociedade local, os antagonismos, a política, a economia, a sociedade conflitante.

Existem os arquétipos sociais estruturados e hierarquizados. As culturas não se misturam e isto é percebido e sentido principalmente pelos menos favorecidos financeiramente, o que revela toda a perspectiva cultural e social da cidade.

⁶⁶ A cruz principal, situada no centro do cemitério, bem em frente ao Mausoléu da Família Amazonas. (Nota do autor).

4.2 AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS DA LOCALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO

Enfatizamos que o Cemitério Municipal de União da Vitória está localizado no centro da cidade, no chamado “anel central”, isto é, no local onde há toda a movimentação urbana da cidade de União da Vitória. Em União da Vitória, como acontece em quase todas as pequenas cidades interioranas de pequeno porte, as pessoas dirigem-se para o centro a fim de fazer compras, realizar transações bancárias, passear, procurar novidades, divertir-se, etc. Desse modo, o fato de o cemitério estar imbricado nesse meio já é bastante interessante para nossas observações.

É fora de dúvida um espaço⁶⁷ cheio de imagens e de imaginário⁶⁸ a respeito da morte, estando à vista de todos e, desta forma, sendo uma matriz de idéias e de indagações diárias, não é um espaço incomum, mas faz parte do cotidiano. Há, porém, uma diferença: promove a surpresa, a observação constante e o fomento do imaginário individual e coletivo de maneira que

Relacionam-se vestígios quase vistos, ou seja, mais vislumbrados, imaginados do que vistos. Não nos esqueçamos que o motor dessa imagem é o imaginário nutrido por um corpo de outras imagens memorizadas; um imaginário naturalizado, concretizado em vestígios. Em conseqüência, a leitura é a montagem de fragmentos relacionados, lembrados. Essa operação vai muito além da física descrição da imagem visual fixada referencialmente no espaço e, por isso, emblemática dele. A imagem sugestiva é representação, signo de apropriação experiencial, outra polifonia que vai além das sensações. Requer uma inteligibilidade do seu processo de sugestões e, para tanto, é necessário travestir o ver em observar. [...] Observar é produzir descontinuidade que desfaz o anonimato da vida diária. (FERRARA, 2000, p.125).

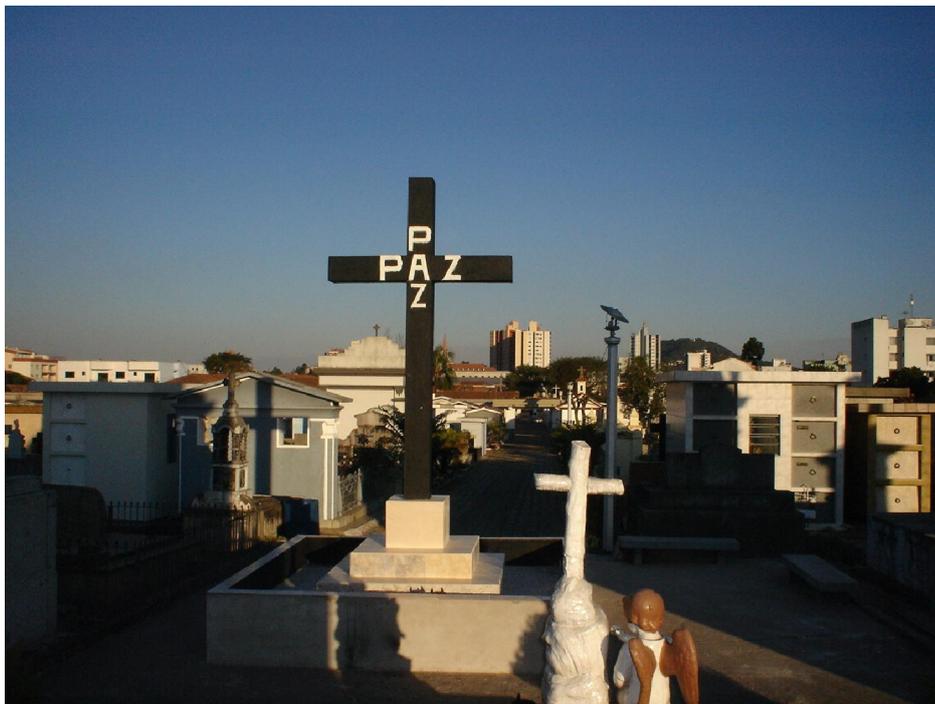
A autora refere-se às imagens que estão no cotidiano arquitetônico da cidade e o imaginário que se traduz pela sua leitura. ; na obra lida, não há uma referência específica de cemitério, mas consideramos tão oportuno o comentário para a idéia que fazemos, que não pudemos deixar de transcrevê-lo, pois o nosso campo de

⁶⁷ Consideramos a definição de SANTOS quando define o espaço com a condição daquilo que é abstrato e geral, bem diferente da cidade que é particular e concreta, isto é, o habitante da cidade apropria-se dela, processa-a pela informação e pelo imaginário, enquanto que o urbano é parte da coletividade. (Leia-se a respeito em SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996. e em FERRARA, L. D. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000).

⁶⁸ Apropriamo-nos de uma explicação de CASTRO (1997) para dizer que o imaginário media o mundo interior e o exterior, com a utilização de símbolos, signos e alegorias. (CASTRO, I. E. **Imaginário Político e Território**. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R.L. (Org.) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 155 – 196).

estudo, como já demonstramos, faz parte da arquitetura urbana e, às vezes, até confunde-se com ela, como podemos ver na fotografia 20.⁶⁹

Nela pode-se verificar que o cemitério confunde-se visualmente com a cidade; não se vê, do ponto em que foi reproduzida a fotografia, o muro que separa o cemitério do restante da cidade (no caso, estávamos em frente ao mausoléu da família Amazonas – que além de central é o ponto mais alto do cemitério).



Fotografia 20: Foto feita a partir do cruzeiro. Ao fundo a cidade. O cemitério está nela imbicado.
Fonte: Acervo do autor.

Verificamos que ao caminhar em redor do cemitério, na sua parte externa, em toda a quadra, nas ruas Clotário Portugal, Salgado Filho, Castro Alves e Avenida Manoel Ribas em vários pontos avistam-se a sua cúpula. Temos, neste caso, a visão clara da preponderância física da representação do fundador da cidade.

O professor de História e historiador local Ulysses Antonio Sebben, tendo realizado extensa pesquisa sobre as origens de União da Vitória, assim descreve a visão referente ao Coronel Amazonas para o destino de União da Vitória:

Procedente de Palmas, o Coronel Amazonas de Araújo Marcondes mudou os destinos da nova povoação, implantando aqui a navegação a vapor, com excelentes resultados para a economia.

⁶⁹ A propósito, pode-se rever a foto aérea, para melhor ilustrar o que inferimos aqui, na fotografia 9.

Empresário desassombrado e de notável criatividade, que se impôs ao reconhecimento nacional, sendo por esta razão chamado de “Mauá Paranaense”.

Por decreto de 19 de Abril de 1879, o Imperador D. Pedro II concedia-lhe a concessão para estabelecer uma linha entre os portos de Caiacanga (Porto Amazonas) e Porto da União.

No dia 17 de dezembro de 1882, sob os aplausos delirantes da população, lançou às águas o vapor Cruzeiro, primeiro de uma série de dezenas de navios que, por mais de cinquenta anos, subiram e desceram o rio, levando em seu bojo cargas e passageiros. (SEBBEN, 1992, p.72).

Levando em conta, também, que há a Colônia Amazonas (distante a dez quilômetros do centro e pertencendo administrativamente ao município de União da Vitória), temos um perfeito conjunto que agrega valores representativos e significantes em relação à história do município e à questão da cultura de poder que transcende o tempo, que está na memória da sociedade e explica suas manifestações sociais hodiernas – conforme aos poucos vamos apresentado nesta nossa apresentação de resultados da pesquisa, considerando, principalmente, que

A memória social é responsável pela estruturação dos sistemas sociais, ou seja, pela estabelecimento e manutenção de padrões interativos e institucionais, subjazendo também operações técnicas e científicas. Ela inclui reminiscências, atitudes e sentimentos, regras sociais e normas, padrões cognitivos, o conhecimento científico e tecnológico e assume formas ideais e materiais que se encontram concretamente imbricadas e só podem ser separadas analiticamente. (DOMINGUES, 1999, p.37).

A memória, porém, não se reduz a objetos ou a uma mera repetição dos fatos vistos e vividos. Para que um fato seja percebido na memória, é preciso a cognição e a experiência, isto é, fazer com que a memória seja parte de um aprendizado individual – pois é subjetiva, mas medida no corpo social – pois se sustenta nas manifestações objetivas ou individuais.

Entendemos, portanto, que relação do Jazigo da Família Amazonas com os pontos citados anteriormente materializam a memória social, sobre o que define Domingues (1999, p.46) “é construída por meio de seleções [...], de traços de memória (expressiva, instrumental ou moral), que privilegiam certos aspectos da história da coletividade [...]”.

Sustentamos nossa afirmação na análise do que nos disse, em entrevista, um professor de história local. Nosso entrevistado revelou o seguinte

A história de União da Vitória é sempre vista a partir do Coronel Amazonas. Eu acho que é uma história de poder e bastante positivista, isto é, volta-se para um único fundador, como se ele não tivesse precisado de mais ninguém

para constituir o município. O mausoléu da família Amazonas representa essa idéia: de que há um fundador e de que ele é muito importante. Eu já levei muitos alunos ao cemitério e todos eles sempre apontam para esse mausoléu ao entrar no cemitério. O mausoléu Amazonas é claramente um ponto que chama à atenção, é bem visível, não tem como não ser visto. E o interessante é que, andando ao redor do cemitério, em qualquer rua, basta ter uma pequena abertura, um muro baixo, qualquer coisa assim, você avista a cúpula daquele mausoléu. (GIÁCOMO, 15 de Setembro de 2006).

Perguntamos ao nosso entrevistado como ele, independente de seus estudos e das concepções científicas que tem, percebe o cemitério em suas visitas de pesquisa, ao que respondeu:

Bem, de tantas visitas que já fiz aqui, tanto sozinho, quanto com meus alunos, já não consigo vir ao cemitério e não olhar essas coisas de patrimônio histórico, de história local e iconografia. As pessoas que encontro, porém, sempre falam de algum parente, alguma lembrança e também de algum valor material do túmulo construído (acho que é essa sua pesquisa, não é professor?). Aí, nessas horas, eu consigo entender a atração que o cemitério tem sobre as pessoas – não é nada sobrenatural, nem místico, é uma atração que está numa idéia, ou num ideal, creio eu, de memória coletiva. Então, respondendo ao que você perguntou, eu não me desvinculo de uma visão de pesquisa, mas consigo entender o que é ciência e o que é senso comum pela relação que faço das reações de pessoas diferentes a este mesmo lugar. (Idem).

O professor Giácomo tem uma visão analítica e vê a questão da memória social do ponto de vista acadêmico. Mas, quando se vê diante de pessoas que não estão no cemitério para realizar algum tipo de estudo, ele percebe o quanto as sensações individuais, principalmente não científicas, são importantes para estudo e compreensão do lugar.

Não podemos deixar de citar Domingues (1999, p. 37), o qual assevera que “em certa medida individual, ou seja, subjetiva e idiossincrática, a memória sempre é medida socialmente”. (Idem, p. 37).

Procede, também, a necessidade de acrescentar ao conceito de representações sociais a seguinte argumentação:

Essa organização simbólica do meio social é na realidade uma produção de sentido que integra emoções procedentes de diferentes espaços da história social dos grupos em que as representações são produzidas. As representações sociais representam complexas sínteses de sentido que permitem momentos de inteligibilidade de inumeráveis processos sociais “invisíveis” no momento atual. (REY, 2003, p. 127).

Importante acréscimo para entendermos o sentido da devoção que se faz a uma representação secular de santidade, conforme veremos no próximo item.

4.3 A REPRESENTAÇÃO NA EREÇÃO DOS TÚMULOS: ENTRE CRENÇAS, GOSTOS E IDÉIAS

Existem outros “marcos observáveis” no caso em estudo, além da representação do poder na memória social. É o caso da “Santa Zilda”.⁷⁰ O seu túmulo (fotografias 21 e 22) é o mais visitado no Cemitério Municipal, no entanto, ela não tem nenhum parente na cidade.



Fotografias 21 e 22: Túmulo de Zilda dos Santos.
Fonte: Acervo do Autor.

Zilda Santos, cujo túmulo está próximo ao Jazigo da Família Amazonas, faleceu com treze anos de idade, em 14 de Julho do ano de 1948. Tratava-se de uma garota que vivia na rua, conheceu um rapaz, de mais ou menos vinte anos, tornando-se sua namorada.

O moço passou a levá-la para a Zona do Baixo Meretrício. Com o passar do tempo naquele lugar e sendo bastante jovem, passou a ser “preferida” de um grupo chamado “seleto” de homens importantes e bem endinheirados da região, os quais passaram a fazer uso rotineiro de seus serviços sexuais.

⁷⁰ Consideramos neste caso que o entendimento de santo é: “o destacado para um propósito sagrado, ou dotado de uma qualidade peculiar derivada da relação com um DEUS ou com Deus”. (HINELLS, 1984, p.242).

Conta-se, em versões populares (que ouvimos de várias pessoas que se referem ao túmulo de Zilda), que em certo dia a levaram para uma chácara distante e reservada, pertencente a um dos homens daquele grupo. Diz-se que ela ficou lá por vários dias, em situação de rapto, sendo violentada diariamente e por mais de uma vez.

Certo dia, porém, constatou-se que Zilda estava grávida; como todos eram suspeitos de serem “pai da criança” quiseram providenciar o aborto, do qual ficou encarregada a dona da casa de meretrício na qual Zilda morava; como o aborto não deu certo, trataram de chamar um médico no local, o qual, tendo constatado a grave situação, queria levá-la a um hospital, o que foi negado veemente por todos, sendo o médico dominado e mantido sob cárcere privado até que tomassem alguma providência.

Em péssima condição de saúde e, tendo abortado, Zilda morreu; para evitar a acusação de homicídio, o grupo fez com que o corpo da moça fosse jogado no rio Iguaçu. Também o médico foi morto e seu corpo foi jogado no mesmo rio.

Um dos Jornais locais, “O Caiçara” (imagem 3) apresentou, em 1998, numa edição comemorativa, uma revisão histórico-jornalística do caso, sua versão da história. A seguir mostramos a transcrição de todo o texto jornalístico a imagem da edição, exatamente como foi publicado.

No longínquo ano de 1948 nossas cidades tiveram a tragédia de Zilda Santos, uma menina de 13 anos que foi raptada e mantida em cárcere privado num casarão, numa zona de baixo meretrício no bairro Santa Rosa, onde ela foi violentada por cerca de 5 homens que compunham a elite de Porto União. Quando ela sofreu hemorragia devido à violência sexual, um médico, Dr. Nelson Malheiros de Araújo, foi chamado para atendê-la. Diante da exigência do médico para que fosse hospitalizada, e o crime seria descoberto, Zilda foi estrangulada e jogada no rio Iguaçu, no final da Rua Prudente de Moraes em União da Vitória. Como o médico ameaçasse ir à polícia, também foi assassinado e jogado no rio Iguaçu. Um pescador que viu o táxi que levou o corpo da menina ao rio, também apareceu boiando no rio Iguaçu. O padrasto de Zilda, que foi residir em Bituruna e quando bebia dava nomes aos algozes, teve morte estranha, um tiro de espingarda cano longo na cabeça e um corte de facão no pescoço. Deram como suicídio. O processo volumoso se arrastou e anos depois, nossa diretora Maria da Luz Augusto fez uma novela na rádio União, que parava a cidade a partir das 4 horas da tarde. A rádio União foi ameaçada por telefone de ser destruída por

incêndio e o gerente e sua família, ameaçados de morte. O volumoso processo foi arquivado por falta de provas. (JORNAL CAIÇARA, 24/04/1998, p. 17).⁷¹



Imagem 3: Notícias históricas a respeito da morte de Zilda Santos.
Fonte: Jornal Caiçara.

⁷¹ 1 - Trata-se do único relato escrito sobre Zilda Santos. 2 - Quando, no início do texto, fala-se em "cidades", referem-se às Gêmeas União da Vitória e Porto União. 3 - Constatamos, nas Bibliotecas Públicas Municipais de União da Vitória e de Porto União, a existência de aproximadamente 18 livros que narram a História de União da Vitória e de Porto União, com autores diversos, mas nenhum deles faz alguma menção ao caso Zilda. 4 - Não encontramos parentes de Zilda em nenhuma das cidades da região, inclusive em Bituruna, onde foi assassinado o padrasto. (Nota do Autor).

Assim termina a reportagem: “o processo foi arquivado”. O caso não foi solucionado até os dias atuais. Conta-se em meios populares que todos os envolvidos na morte da menina (que, no fim das contas o povo sabia quais eram, mas não tinha coragem de denunciar) tiveram mortes terríveis por doenças que os aniquilaram rapidamente (muitos acreditam ter sido uma espécie de castigo sobrenatural recebido pelo que fizeram com Zilda).

Tivemos acesso a Sra. Sandra (nome fictício), a qual passou a narrar-nos o que segue:

Em 1982 eu descobri que estava com um câncer na garganta. Professora com dez anos de trabalho, temi que fosse o fim de minha carreira e, mais ainda, que estivesse no fim a minha vida. Sofri por quatro anos, realizando quimioterapia e tratamentos a base de muitos remédios. Cheguei a consultar um psicanalista por mais de um ano. Nunca fui muito religiosa, de forma que não procurei algum tipo de “ritual” que pudesse fazer um milagre. Em 1986 falaram-me do túmulo da “Santa Zilda”, no cemitério municipal de União da Vitória. Relutei muito em ir até lá, mesmo quando me disseram que ela já havia realizado muitas curas. Eu nunca conheci alguém que foi curado. Fui uma vez, visitei o túmulo e ouvi a história dela, principalmente do meu irmão, que trabalha no cemitério. Considerei uma história cheia de injustiça e que Zilda sofreu muito, mas não achei, naquele momento, que a pudesse considerar santa. Ainda assim, comovida, orei perante o seu túmulo e assim o fiz por mais sete dias. Depois da oração do último dia eu tinha uma vídeolaringoscopia para fazer – um exame na garganta. Fui ao médico, como sempre, tendo tomado todos os remédios, de forma que não sentia dores. Mas a surpresa veio quando o médico olhou assustado para a tela. Naquele momento pensei que o nódulo cancerígeno houvesse aumentado mais rapidamente do que o normal. Mas ele sorriu levemente e manteve a filmagem e a análise. Fez uma coleta sanguínea e, no dia seguinte, chamou-me. O meu médico, depois de quatro anos de tratamento sem ter conseguido achar um meio de parar o crescimento do câncer, viu que ele havia regredido. Imediatamente lembrei da Zilda e fui até seu túmulo oferecer flores e orações. Fiz isto por mais quinze dias. Na reconsulta e reexame, o meu médico confirmou que o nódulo estava regredindo. Dois meses passaram-se entre vistas ao túmulo da “Santa Zilda” e o consultório médico. No fim deste prazo o médico anunciou triunfante que o câncer havia desaparecido totalmente. Devo isso, com certeza, à fé que tive na Santa Zilda e hoje afirmo que ela tem poder de cura. (SANDRA, 05 de Fevereiro de 2007).

A Sra. Sandra mostrou-nos o vídeo dos exames que o médico fez em sua garganta e nele vemos, claramente, a diminuição rápida, a cada exame, dos nódulos cancerígenos. No último vídeo, não se vê nenhum tipo de inflamação ou qualquer outra anormalidade em sua garganta.

A respeito da santidade de Zilda Santos (ou “dos Santos” – dependendo dos pronunciamentos que se fazem, embora oficialmente o seu nome não contenha a preposição), outras pessoas foram entrevistadas e os depoimentos que colhemos estão sintetizados a seguir:

Eu já ouvi, muitas vezes, essa história da “tal” santa Zilda. Mas eu não acredito. Eu acho que o povo acredita em tudo que houve. Aí, veio alguém de fora (acho que é um paulista) e diz que recebeu um milagre. Daí as pessoas dizem que ela é santa. Não tenho nada contra. Sou católica, mas acho que não é assim que acontece... ela nem mesmo foi declarada santa. (ANA, 15 de Setembro de 2006).

Não sei bem o que dizer. Eu acho que existe uma santa, sim, como em todas as cidades. Ta certo que a nossa não é católica, ta certo que ela não foi reconhecida pelo Papa. Mas existe muita gente que vista o túmulo, leva flores, conserva. Eu acredito em milagres. Eu não tive experiência, nem por mim, nem por outros, mas sempre que vou ao cemitério passo no túmulo e rezo por ela [...]. (JOSEFA, 15 de Setembro de 2006).

O senhor precisa ver como as “pessoa” vêm visitar aqui e se agrada da santinha. Por isso que eu venho uma “véiz” por semana limpar o túmulo, colocar as “flor”. É pra mostrar que tem alguém cuidando da santinha [...]. Se já vi algum milagre? Já. Tem uma mulher aqui na cidade, a Senhora tal, que foi curada de um câncer na garganta. Eu vi muitas “veiz” ela parar bem aqui, de frente pro túmulo, reza pra “Zildinha”. E um dia voltou agradecendo e me contou que foi curada. Esse é o mais importante. Mas tem outras pessoas que agradecem cura dos filhos, de câncer, de outras doença. (sic.) (JURANDIR, 15 de Setembro de 2006).

Eu trabalho no cemitério há vinte anos. Já vi muitas coisas aqui; quer dizer, nada de fantasma, alma penada (risos). Vi assim, gente acreditando que foi auxiliado por um parente que morreu, ou por uma criança recém falecida. Mas a Zilda (que o pessoal chama de Santa) é muito mais visitada, agradecida. Eu não sei se acredito ou não, mas respeito muito, muito mesmo. (BASÍLIO, 16 de Setembro de 2006).

As entrevistas informam condições diferentes, as quais revelam o mesmo fato social. Trata-se de uma situação que sugere a necessidade de algo significativo para o imaginário e que provoque a manifestação coletiva. Temos o testemunho da senhora que não acredita na santa por uma questão, digamos, burocrática. Ela se apega ao fato da “Santa Zilda” não ter sido canonizada pela Igreja Católica, “como manda o figurino” (isto é, conforme o praxe ou o rito). Assim, a referida senhora deixa de acreditar não tanto pela dúvida nos supostos milagres da santa, mas pela condição de sua não oficialização de santificação.

Neste caso, é importante esclarecer que no contexto do Catolicismo, a canonização de um santo é um ato oficial realizado após a confirmação de pelo menos dois milagres (o que se faz com farta documentação e testemunhas). Desde a Idade Média (século XII) a declaração formal de um santo é primazia do Papa e

serve para tornar pública a devoção a uma pessoa considerada exemplar quando era viva.⁷²

Josefa e Jurandir, os dois outros entrevistados, crêem. Além da crença, estimulam-se e tornam a “presença” da Santa Zilda algo que não se pode negar.

Basílio deixa a impressão de crer, mas não admite, parece-nos, nem para si mesmo. No entanto, ele argumenta que já viu “muitas coisas”. Muito embora não use o termo “sobrenatural”, ele divide bem o que aí caberia: diz que não se refere a fantasmas. Fala da possibilidade de alguns mortos favorecerem, por intercessão à divindade (conforme entendemos com suas palavras) os seus parentes. Ele vai, portanto, além da questão da Santa Zilda, mas no final fala dela especificamente e, muito embora argumente que “dizem que é santa”, ele mesmo fala que as pessoas dirigem-se a ela agradecidas.

Em relação a “marcos observáveis” e “fato social”, entendemos tais situações como inteligíveis a partir da forte influência religiosa na cidade de União da Vitória e da necessidade de relação com o transcendente a que toda pessoa está sujeita. Essa relação manifesta-se, em geral na sociedade e especificamente no nosso estudo, a partir da representação religiosa, a qual pode manifestar-se de dois modos:

De um lado, a representação religiosa, tal como surge nos textos bíblicos, declamados a maior parte do tempo pelos personagens; de outro, a experiência religiosa. Sob o ponto de vista da representação, o outro aparece em situações exemplares, surge emoldurado por essas referências bíblicas e por sua condição social. (BOAVENTURA, 2002, P.113).

Nesse caso existe a experiência religiosa numa relação de alteridade (isto é, uma experiência de aproximação e de identificação ou confiança no outro) como maneira de apreender a relação com a “santificação” (seja ela canonizada ou não).

Todavia, nos caminhos das representações individuais e coletivas, a análise não se faz apenas por uma questão de imaginário, mas pela infusão social de configurações individuais, isto, pelo conjunto de idéias de muitas pessoas que formam o contexto social, ou seja:

⁷² Não consideramos a necessidade de considerar um autor, pois tal informação é amplamente difundida nos meios de comunicação de massa, tornando-se apropriação pública. (Nota do Autor).

[...] as representações sociais significam um processo de produção de sentido, já que integram de forma explícita e implícita as histórias sociais subjetivadas dos grupos. [...] a representação não é um reflexo, é uma formação de sentido que se expressa em nível simbólico, e que se faz explícita em forma do real organizadas socialmente, que são uma expressão complexa do tecido social dentro do qual são produzidas. (REY, 2003, p.131).

Isto implica dizer, de acordo com Berger e Luckmann (1993, p. 132), que “o universo simbólico é evidentemente construído por meio de objetivações sociais”. A existência, no espaço cemiterial, de um símbolo de santidade ou de santificação, revela a simbologia social como parte do conjunto de crenças que são manifestas no cemitério municipal e na cidade de União da Vitória.

A condição social do indivíduo também é muito clara ao avistar a necrópole. O termo comum de “mais ou menos abastados”, no entanto, não reflete a diferença social e econômica que queremos enfatizar. Muito embora em menor número, existem construções tumulares que não dizem respeito a um poder econômico do falecido, mas de sua importância como membro reconhecido no seio social.

Ao verificar a existência de jazigos que se destacam no terreno do cemitério, vimos que há uma distribuição espacial significativa. Há, na avenida principal e à sua esquerda e direita, nos primeiros cem metros à frente, e cerca de cinquenta metros em cada lado, os túmulos de arquitetura que aparenta alto valor de custos de construção.

Realmente, constatamos isso ao ouvir algumas pessoas, as quais revelaram os gastos com a construção dos túmulos:

Bom, quando meu pai morreu, havia um seguro em seu nome. O valor era trinta mil reais. Foi em 2001. Como somos quatro irmãos e a nossa mãe é falecida, o dinheiro poderia muito bem ser dividido por todos. Mas resolvemos construir esse mausoléu para nossa família. Custou todo o dinheiro da herança e mais um pouco que juntamos, mas valeu a pena, pois temos orgulho em visitar esse lugar e ver que nossos pais são importantes para nós. (SÍLVIA, 01 de Novembro de 2006).

A família José Jorge representa a tradição italiana da cidade. Hoje, nenhum deles mora em União da Vitória, mas eles pagam alguém para manter o mausoléu assim, desse jeito, sempre bem limpo, arrumado. Muitas pessoas costumam visitar o cemitério e ficar aqui somente meditando, sentadas nos bancos deste túmulo. Eu, como você viu, venho toda semana ao cemitério e nunca deixo de sentar um instante aqui pensar nas coisas. (DEMÓSTENES, 01 de Novembro de 2006).

Quando meu esposo morreu, achei que seria justo que ele tivesse um túmulo digno do que ele representava na sociedade. Era um homem bem envolvido socialmente – mas nunca se meteu com a política. Como médico, atendia pessoas até em casa, quando estava de folga e o procuravam. Eu acho que

é justa preservação da memória dele de uma forma assim: ele sendo visto por todos como alguém que sempre procurou fazer o bem. (MARISA, 01 de Novembro de 2006).

Olha, nós pagamos caro por isto para o meu pai. Quer dizer: não só pra ele, mas pra que saibam que nós sempre o respeitamos e demos valor a ele. Acho que meu pai merecia até melhor que isso. Um túmulo igual dos “Amazonas”, mas pudemos fazer assim e acho que está muito bom, muito bonito e ele merece. (JAIR, 08 de Fevereiro de 2007).

Pelo que disseram as pessoas, entendemos que um túmulo muito bonito ou suntuoso não representa por si só uma melhor condição financeira. Consideramos que na maioria das construções de jazigos existentes no cemitério municipal há a discriminação por poder econômico. Há, porém, casos em que se nota a necessidade de manutenção de uma distinção social que se faz à custa de gastos financeiros superiores aos normalmente possíveis pela família do falecido.

Jair, durante a entrevista, comentou que o túmulo de seu pai (fotografia 23) não tem a suntuosidade do mausoléu da família Amazonas. Mesmo assim, demonstra que houve grande empenho financeiro para que seu pai tivesse um túmulo, no seu dizer, bonito. O pai de Jair foi motorista de ônibus e era muito querido dos passageiros na linha em que trabalhava do populoso bairro de São Cristóvão ao Centro. Vê-se que o motivo da homenagem não está na questão econômica, mas na condição de ser bem querido que o falecido tinha em vida.

Temos, aqui, o exemplar inicial desta parte do estudo: não é somente pela condição financeira que se recebe um “status” e uma homenagem após a morte. Há o envolvimento de fatores que relevam a identidade do falecido com a sociedade e com as pessoas com as quais se relacionava.

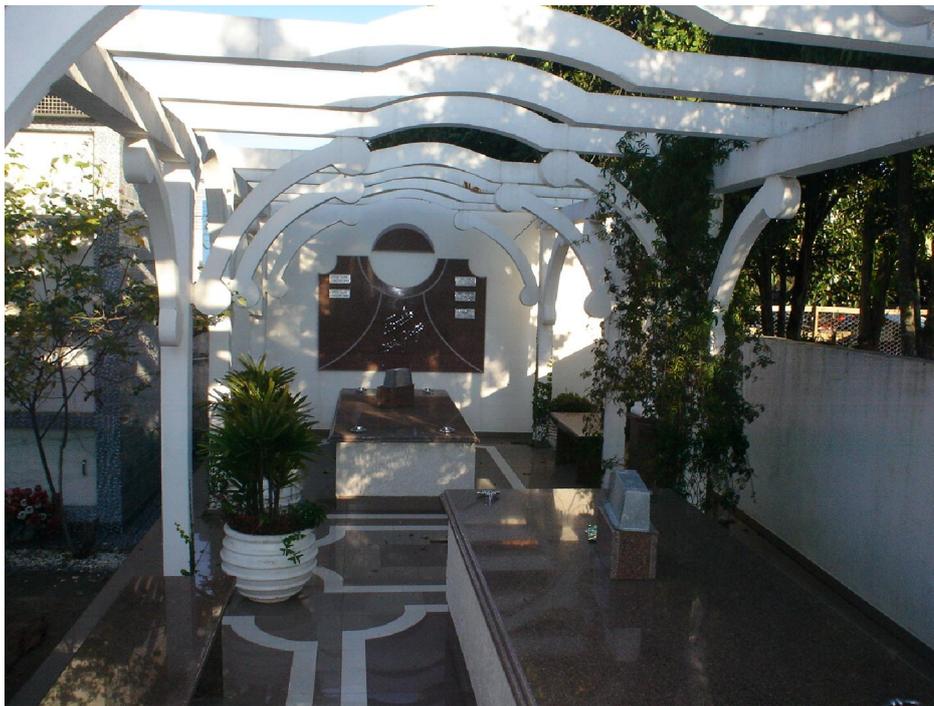


Fotografia 23: Túmulo do pai de Jair.
Fonte: acervo do autor

A nossa entrevistada Sílvia comentou que a sua família gastou o que seria o dinheiro de um seguro que o seu pai deixou de direito após a morte, para a construção do túmulo que abrigou o seu pai e sua mãe. O valor seria a herança dos filhos. A família acabou gastando esse valor e mais um pouco, segundo a entrevistada. Não há, em nenhum momento da sua entrevista, sinal de arrependimento. Ela acredita que era o que deveria ser feito.

O pai de Sílvia era mecânico, com um salário pequeno, de forma que a família seria de classe média baixa, o que nos faz entender perfeitamente o que representa tal construção, em termos financeiros, para seus familiares.

Na seqüência de nossas entrevistas localizamos, sentado no sossego e na beleza do Mausoléu da Família José Jorge (Fotografia 24), o Sr. Demóstenes, cujo relato, por não ser da família, interessa muito para o contexto do que se tem escrito até aqui. O mausoléu já foi citado por nós e o Sr. Demóstenes coloca muito bem sua motivação de visita.



Fotografia 24: Mausoléu da Família José Jorge
Fonte: Acervo do autor.

Demóstenes, entrevistado que não é membro da família José Jorge, mas que visita assiduamente o túmulo – como ele mesmo disse – comenta sobre a arquitetura como algo formidável e aprazível. É verdade, pois este pesquisador esteve muitas vezes naquele mausoléu e percebeu como realmente é um lugar agradável e que se destaca de forma isolada dos demais mausoléus do cemitério.

Demóstenes acrescenta que o Sr. José Jorge, o patriarca da família, tornou-se um médico muito popular e de muito sucesso (não encontramos nenhuma literatura que confirma o fato, de forma que o “sucesso” está relativizado na visão do nosso informante e do que se vê nos aspectos físicos do mausoléu.

Diz também saber que o túmulo teve alto custo financeiro na sua construção, cujos valores vão muito além de uma construção comum. Pela fotografia podemos ter uma noção do que diz Demóstenes. Não procuramos o valor real dos gastos realizados, nem nos aventuramos a citar os números falados pelo nosso entrevistado porque acreditamos ser inoportuno e desnecessário.

Marisa fala que construiu um túmulo (fotografia 26) que o marido merecia muito, por ser bastante sociável, tratar-se de um homem bom e um profissional –

médico – preocupado com as pessoas, de forma que as atendia mesmo em casa, quando de folga. Ela não fala em valores financeiros, mas acredita que o valor emocional e a imagem do seu marido deve ser preservada de maneira justa e reconhecida pela sociedade.



Fotografia 25: Túmulo construído para o esposo de Maria.
Fonte: Acervo do autor.

Fizemos, assim, uma reprodução de algumas falas a respeito das construções tumulares. Constatamos que não é somente a condição financeira que motiva a construção de túmulos, mas é muito mais a condição social e a necessidade de prestar homenagem ao falecido.

É assim que entendemos a composição da arquitetura tumular como uma forma de diferenciação social, mas não pela condição de medidas de classe – isto é, somente pelos aspectos econômicos – mas também pela influência do sujeito no seio social e as manifestações de apreço demonstradas ao falecido.

5 À GUIA DE CONCLUSÃO

Acreditando ter respondido as nossas propostas iniciais para a elaboração do presente trabalho, verificamos e mostramos que o Cemitério Municipal de União da Vitória é um espaço onde o indivíduo age socialmente. No cemitério (asseveramos que a nossa opção de estudo é uma matriz entre muitas) fica possível ampliar a elaboração dos sinais representativos da sociedade em toda sua extensão física como um bem mental, isto é, aquele que se forma nas lembranças, nas idéias, nos pensamentos nele coexistentes.

A diversidade tumular não deixa de permitir o destaque de mausoléus suntuosos ou monumentais, que servem, no modelo das representações sociais, para reafirmar a condição de classe com mais poder econômico ou de relacionamentos sociais, bem como de reconhecimento social por serviços prestados. Ao abordar as representações sociais, pesquisamos os sentimentos das pessoas em relação ao lugar e que descrevem a realidade do campo de estudo.

Pudemos, desta forma, particularizar as questões e emitir parecer de algo que não tem como ser quantificado, isto é, a representação da sociedade, que é o mundo dos significados e das ações humanas no lugar estudado e expressa os ideais da pessoa falecida que se restaura entre seus familiares e difunde-se socialmente.

Mostramos a evolução histórica dos cemitérios de simples locais de enterramento (como acontecia na Antiguidade), ou de feiras, locais de encontros públicos e de mercado (como foi o caso da Idade Média) para construções com arquitetura voltada para as artes (no século passado). Hoje existem cemitérios verticais, jardins ou crematórios sem, contudo, deixarem de existir as edificações das necrópoles tradicionais.

Os cemitérios são, conforme estudamos, verdadeiros reprodutores das questões sociais em todas as comunidades e denotam uma espécie de vitória sobre a morte – já que representam a memória dos falecidos. Os valores da sociedade estão ali projetados, tanto nas estruturas econômicas, quanto culturais.

A valorização da vida diante da morte ficou clarificada quando notamos que todos têm o direito de serem sepultados, mesmo aqueles de que se diz, popularmente, que “não têm onde cair mortos”. Independente da condição que se coloca economicamente para se adquirir um túmulo, haverá sempre o lugar do

enterramento, muito embora, atualmente, o mesmo direito de ser enterrado equivale ao dever de enterrar que cabe aos sucessores do falecido.

Aí está a configuração da realidade social e cultural da cidade. Já não é a morte sinal de despojamento, mas um algo que pode ser sinalizador de pertença ou de exclusão social, o que será sabido por uma simples inscrição, ou então por uma lápide, um brasão ou por um mausoléu.

Morte e cemitério, desta forma, nada são se não representarem perpetuação de famílias e de condição social, se não mostrarem a importância e o papel do falecido no meio social. Há, ainda, que se dizer que no Cemitério de União da Vitória as formas de expressão social são claramente demonstradas pela elite dirigente, motivo pelo qual tem uma grande quantidade de monumentos funerários.

Há, também, a expressão, de forma ritual, simbólica e representativa, dos valores sociais, seja no monumento aos Expedicionários ou no túmulo no qual se pratica a religiosidade popular, que é o de Zilda dos Santos, ambos aqui citados como exemplos entre tantos outros.

Verificamos, assim, a dinâmica da sociedade uniãovitoriense no terreno do cemitério, já não mais local somente dos mortos, mas um meio de continuação da existência do morto ou de pregação da constituição da sociedade, seja nas manifestações individuais, seja nas manifestações coletivas.

As representações sociais são constatadas pelos atos dos herdeiros, dos amigos e da própria municipalidade no cemitério. Ocorre, desta forma, num sentido abstrato, uma profunda influência dos mortos nas relações sociais, a qual está caracterizada pela ação dos vivos, interessados na manutenção tumular e na história familiar.

Há, no espaço do cemitério, propagação constante da cultura social de União da Vitória e suas vertentes culturais, fazendo com que ele seja um importante espaço vivido, no qual é mostrado o modo de vida social, as condições de agregação na conformidade dos grupos sociais e suas representações em torno da morte.

O cemitério é pensado como um local que expressa a sociedade e suas representações e um importante local de estudo, de compreensão dos costumes, de entendimento das condições culturais e da ideologia, esta que tem um caráter bastante tradicional, procedente de um cristianismo dominante.

Como expressão da representação social, vimos que o planejamento urbano tem lugar no cemitério como tem na cidade, fato explícito na legislação municipal, quando compatibiliza o espaço cemiterial com outros espaços públicos, tanto na terminologia técnica da lei, quanto das acepções que faz dos chamados “lugares públicos e de prestação de serviços”, incluindo, entre eles, o cemitério.

O que está presente nesse local são as manifestações de sentimentos, de comportamentos e de representações sociais na tríplice relação que se faz entre a pessoa, a morte e a vida. Propositamente colocamos, nesta argumentação, a morte entre os dois termos, já que ela, nesse caso, não representa um fim, mas um meio que permite a compreensão da própria vida, sendo o cemitério extensão de tal sentimento, portanto, um espaço de mortos feito para os vivos.

As relações sociais oriundas da morte são reveladas como importantes manifestações da vida e são ampliadas em todas as situações coletivas, relacionadas à condição de toda a sociedade, tomando caminhos de veneração religiosa, manifestações públicas de consideração pelos heróis ou demonstração de prestígio e de apreço social.

As relações de coexistência e de solidariedade, assim, são fundamentadas em vários níveis. Alguns freqüentam o cemitério rotineiramente para visitar e arrumar os túmulos dos parentes; outros o freqüentam por devoção religiosa, seja por respeito ao morto ou para a prática de uma religiosidade que assume caráter bastante popular e, até mesmo, desvinculado da hierarquia religiosa oficial do município.

A interação social no cemitério permite-nos dizer que nem o indivíduo, nem sua família estão ligados somente em si mesmos, eles situam-se numa ordem geral, integrados socialmente, estabelecidos em todos os planos. O cemitério, com a divisão de classes que mostra a realidade da cidade, torna-se contíguo a ela, já que há uma ligação sistêmica do todo social a partir de cada túmulo, de cada pedaço de terreno e da memória de cada família.

Contextualizando a vida da sociedade, o cemitério faz parte, desta forma, não só do patrimônio público, ou histórico e cultural, mas também, e principalmente, do patrimônio social, cujo repertório é comum quanto ao cotidiano e configuração da cidade.

O cotidiano uniãovitorienense está manifestado nas variadas acepções de cultura em relação ao seu povoamento. Trata-se da heterogeneidade das

identidades formadas a partir de diferentes etnias. Na estrutura de alguns espaços do terreno do cemitério podemos ver as significações relativas a cada sentido cultural, sendo ligadas as representações dos túmulos, o prestígio e a distinção social.

As representações sociais no cemitério permitiram-nos, ainda mais, pensar a sociedade globalmente e, ao mesmo tempo, entender as manifestações individuais em consonância com as relações coletivas. Na necrópole, desta forma, não apenas são inumados os defuntos, mas é sublinhada a visão de conjunto da sociedade.

Pudemos, com este trabalho, conhecer e entender uma boa parte das relações sociais e culturais da cidade de União da Vitória, das representações nas construções tumulares, das manifestações e comportamentos das pessoas que freqüentam esse local.

O referencial teórico que adotamos foi bastante oportuno e conduziu-nos a uma apreciação histórica dos cemitérios em geral e uma compreensão significativa das condições sociais da comunidade social de União da Vitória, cuja matriz (enfatizamos isso por que consideramos muito importante) não é única, mas articula-se a um entendimento sociológico geral. Isto, porém, não anula as considerações das características locais, seus padrões e dados específicos.

Permitiu-nos, ainda, o estudo, compreender as referências da história, os dados culturais, os aspectos sociais que mostram o sistema geral de representações sociais e de comportamentos específicos, bem como as demandas da estratificação das classes sociais, que não ocorrem somente do ponto de vista econômico, mas que são compatíveis entre grupos sociais e relações urbanas.

Inferimos, ademais, que as representações sociais determinam as condições práticas da sociedade e sua contextualização. São formas do conhecimento que se apresentam nas diversas manifestações da coletividade, tais como as apresentadas até aqui e que são sinalizadas pelas imagens do cotidiano e dos conceitos sociais vividos em comum. Ou seja, as representações sociais têm função de apresentar as expressões da sociedade.

O método escolhido permitiu-nos aferir essa realidade de maneira interativa: tornamo-nos pesquisadores e, ao mesmo tempo, sujeitos da pesquisa, podendo, então, considerar os termos subjetivos e objetivos dos comportamentos e representações em relação ao cemitério.

O referencial teórico, aliado às fontes orais e às fontes primárias, mostrou-nos que o caminho de estudo pautado nas representações sociais permitiu “visitar” o cotidiano e entender o sentimento de identidade no corpo social.

O Cemitério de União da Vitória, com certeza, para nós nunca mais será o mesmo, haja vista estar carregado de detalhes pelos quais obtivemos um aprendizado que identifica esse campo de estudo, a melhor forma de pesquisa no processo metodológico escolhido e o compartilhamento deste trabalho com as pessoas que participaram das entrevistas que realizamos.

Assinalamos que o cemitério, nas suas formas tumulares, marca as características do indivíduo (que entendemos ser a memória do morto e as ações dos vivos) na entidade social, de maneira que, envolto nas práticas sociais, ele não é um elemento singular enquanto participativo das situações sociais. O indivíduo, sujeito das representações sociais, é membro genérico na sociedade.

Queremos, com este trabalho, apontar o cemitério como importante indicador de estudos para o entendimento da ocupação espacial da sociedade e suas representações no terreno. Pretendemos que se possam fazer diversas análises que intentem para o conhecimento das transformações sociais e culturais, tanto do ponto de vista dos acontecimentos passados, como no que acontece na atualidade. Junto a isto, mostramos que o cemitério não é um local imutável, pois com todas as manifestações representativas que ali ocorrem, ele é tão dinâmico quanto à própria cidade de União da Vitória.

Temos consciência de que não é um trabalho realmente pronto, que ainda está aberto para mais pesquisas e que as lacunas que deixamos poderão ser supridas por novas frentes de investigação e novas abordagens, pois a temática envolve um universo cultural bastante vasto, privilégio das características regionais, com suas diversas histórias e questões locais.

Mas há a demonstração de que o presente estudo é importante para o entendimento da sociedade das “Gêmeas do Iguaçu”, pois fornece contribuições a respeito de suas manifestações e representações. Cremos que abrimos espaços para novas compreensões que antes não teriam sido percebidas. Que seja, assim, motivo de outros tipos de estudos, em outras áreas do conhecimento ou mesmo dentro de nossa área de estudo.

O dinamismo da vida individual e coletiva, que se articula com conteúdos sociais, com seus significados específicos, é a própria realidade social, na qual se

pode, a partir de sua compreensão, realizar a necessária investigação ou intervenção – se for o mister do pesquisador. É preciso que se encontrem soluções de problemas ou sugiram-se averiguações que sejam pertinentes para a resolução de alguma dificuldade de todo o agrupamento humano que compõe a estrutura social.

Com o estudo que realizamos no Cemitério Bom Jesus, acreditamos ter dado um passo importante para que se continuem ou se avivem outras pesquisas. Verificamos a existência de material suficiente para que a pesquisa social seja, senão permanente, ao menos rotineira nas cidades gêmeas e que possa constituir-se de matéria multidisciplinar.

Da teoria à prática, temos a reprodução de interesses comuns na contigüidade do conjunto social, o que era nosso intento desde o início de projeto e sobre o qual nos obrigamos a continuar debruçados, cuja conseqüência deve ser a contínua perseguição a novos conhecimentos que esta pesquisa ensejou.

Pretendemos, ao tornar público este trabalho, mostrar que é possível desfazer qualquer tipo de tentativa de permanência das chamadas “especialidades” nos estudos cemiteriais. Essa pretensão é uma apropriação de tantas idéias que emergem de outros estudiosos, de cientistas e de intelectuais, os quais pretendem uma ciência “tangível”, principalmente no que concerne às ciências sociais. Entendemos que é possível unir as ciências e determinar não somente debates teóricos, mas disseminar iniciativas e atitudes práticas com este estudo.

Concluimos que o Cemitério Municipal de União da Vitória é uma importante fonte de estudos sobre a integração de significados e das experiências da sociedade, bem como permite reflexão teórica da história e dos costumes das cidades gêmeas.

FONTES PRIMÁRIAS CONSULTADAS

FONTES ORAIS

(Entrevistas)

De 15 de Janeiro de 2006 a 12 de Fevereiro de 2007 realizamos 37 entrevistas. Usamos pseudônimos, no presente documento, para todos os entrevistados, considerando que muitos não quiseram que seus nomes fossem citados no texto.⁷³

1. CARLOS. 52 anos. Profissão: Motorista de ônibus. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
2. FERNANDES. 30 anos. Profissão: Atendente de Loja. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
3. ARNOLDO. 50 anos. Profissão: Professor. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
4. GONÇALES. 36 anos. Profissão: Madeireiro. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
5. PALLICI. 40 anos. Profissão: Secretária. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
6. ALGACIR. 22 anos. Profissão: Estudante. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
7. TIAGO. 40 anos. Profissão: Vendedor. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
8. RAQUEL. 65 anos. Profissão: Professora aposentada. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
9. CELSO MENDES. 86 anos. Profissão: Aposentado. União da Vitória, 15 de Janeiro de 2006.
10. FAGUNDES. 60 anos. Profissão: Vigia. União da Vitória, 20 de Março de 2006.
11. CAÍQUE. 22 anos. Profissão: Estudante. União da Vitória, 20 de Março de 2006.
12. JOSEFA. 70 anos. Profissão: Aposentada. União da Vitória, 20 de Março de 2006.
13. CLÁUDIA. 45 anos. Profissão: Dentista. União da Vitória, 25 de Março de 2006.

⁷³ Todas as entrevistas estão registradas e catalogadas. Não transcrevemos todas e nenhuma no seu total, pois preferimos adequar o necessário ao nosso texto. No entanto, todos os entrevistados ajudaram-nos a formar a idéia fundamental para o texto e que se insere nas representações sociais.

14. FERNANDA. 12 anos. União da Vitória, 25 de Março de 2006.
15. ANA. 40 anos. Profissão: Empresária. União da Vitória, 15 de Setembro de 2006.
16. GIÁCOMO. 35. Profissão: Professor de História, 15 de Setembro de 2006.
17. JOSEFA. 48 anos. Profissão: Agricultora. União da Vitória, 15 de Setembro de 2006.
18. JURANDIR. 50 anos. Profissão: Agricultor. União da Vitória, 15 de Setembro de 2006.
19. BASÍLIO. 50 anos. Profissão: Coveiro. União da Vitória, 16 de Setembro de 2006.
20. DEMÓSTENES. 62 anos. Profissão: Pedreiro. União da Vitória, 01 de Novembro de 2006.
21. SÍLVIA. 46 anos. Profissão: Corretora de Imóveis. União da Vitória, 01 de Novembro de 2006.
22. MARISA. 45 anos. Profissão: Professora. União da Vitória, 01 de Novembro de 2006.
23. ZULEIDE. 66 anos. Profissão: Zeladora. União da Vitória, 01 de Novembro de 2006.
24. BASÍLIO. 48 anos. Profissão: Auxiliar de serviços gerais – no cemitério. União da Vitória, 02 de Novembro de 2006.
25. FERNANDES. 30 anos. Profissão: Auxiliar de serviços gerais – no cemitério. União da Vitória, 02 de Novembro de 2006.
26. ARILDO. 50 anos. Profissão: Funcionário Público Municipal. União da Vitória, 02 de Novembro de 2006.
27. CÍCERO. 45 anos. Profissão: Médico. União da Vitória, 02 de Novembro de 2006
28. CAMARGO. 46 anos. Profissão: Madeireiro. União da Vitória, 02 de Novembro de 2006.
29. MOREIRA, 42 anos. Profissão: Médico. União da Vitória, 02 de Novembro de 2006.
30. JOSÉ CARLOS, 39 anos. Profissão: Contador. União da Vitória, 02 de Novembro de 2006.
31. MARIA CECÍLIA, 70 anos. Profissão: aposentada. 02 de Novembro de 2006.
32. SANDRA, 47 anos, profissão: Publicitária. União da Vitória, 05 de Fevereiro de 2007

33. JAIR, 50 anos. Profissão: Caminhoneiro. União da Vitória, 08 de Fevereiro de 2007.

34. JANE. 36 anos. Profissão: Auxiliar de Enfermagem. União da Vitória, 12 de Fevereiro de 2007.

35. PATRÍCIA. 12 anos. União da Vitória, 12 de Fevereiro de 2007.

36. LEONARDA. 72 anos. Profissão: Professora aposentada. União da Vitória, 12 de Fevereiro de 2007.

37. RAQUEL. 30 anos. Desempregada. União da Vitória, 12 de Fevereiro de 2007.

DOCUMENTOS

PARANÁ, União da Vitória. **Código de Posturas do Município**. Lei Ordinária n. 64, 1999.

PARANÁ, União da Vitória. **Lei de Zoneamento**. Lei Ordinária n. 63, 1999.

PARANÁ, União da Vitória. **Título de propriedade no Cemitério Municipal**. Livro n. 10, fls. n. 564. 1956.

PARANÁ, União da Vitória. **Plano Diretor da Prefeitura do Município de União da Vitória. 1991**.

Fotografias diversas, juntadas no texto, com identificação de autoria.

JORNAL

CAIÇARA. Coluna de René Augusto: Em Primeira Mão, Na esteira da violência: **Zilda Santos**. p. 17. União da Vitória, PR, 24 de Abril de 1998. 20 p.

FONTES SECUNDÁRIAS

SEC-CORPRERI (Sociedade de Estudos Contemporâneos – Comissão Regional Permanente de Prevenção Contra Enchentes do Rio Iguaçu). Opúsculo encadernado. Tema: **Conhecendo e convivendo com enchentes**. Avaliação e histórico das enchentes do Rio Iguaçu e suas conseqüências nas cidades de União da Vitória, PR e de Porto União, SC. 1999. 46 p.

SANTOS, A. V. **Memória Histórica da Cidade de Paranaguá e seu município.**
Segunda Parte. Paranaguá: Ed. do Autor, 1850, 496 p.

<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/geografia/geo13d.htm> - acessado em
18 de Dezembro de 2006.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, R.S.L. **História das Sociedades:** das sociedades primitivas às sociedades medievais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980
- ARIÉS, P. **O homem diante da morte.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981. V. I. e II.
- _____. **História da morte no ocidente.** Da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.
- ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando** – Uma introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.
- AYMARD, A. BOYER, J. **O Oriente e a Grécia.** O homem no Oriente Próximo. 2 ed. Trad. Pedro Moacyr Campos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958. (Col. História das Civilizações).
- BELLOMO H. R. **A Arte Funerária.** In: BELLOMO, H.R. (Org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul – Arte, Sociedade e Ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. P. 15-18
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade.** 10 ed. Trad.: Floriano Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1993. (Col. Antropologia 5).
- BOAVENTURA, M.C. Redescobrimo o sertão. In: GUIMARÃES, C; VAZ, P. B.; SILVA, R.H.; FRANCA, V.(Org.) **Imagens do Brasil:** modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. P. 113-145.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** 4 ed., Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CARDOSO, C.F. **Sociedades do Antigo Oriente Próximo.** São Paulo: Ática, 2002.
- CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. (Org.) **Domínios da História.** Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: ELSEVIER/CAMPUS, 1997
- CASTRO, I. E. Imaginário Político e Território. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P.C.C.; CORRÊA, R.L. (Org.) **Explorações Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CORREA, R.L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COULANGES, F. de. **A Cidade Antiga.** Trad. Jonas C. Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CEMIN, A.B. **Imaginários, Mito, Religião: a manifestação do Sagrado.** Disponível em : <http://www.cei.unir.br/artigo62.htm> - acessado em 20 de Novembro de 2006.

CHARTIER, R. **A História cultural**. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos**. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CLAVAL, P. **As abordagens da Geografia Cultural**. Trad. Paulo C.C. Gomes. In:

COSGROVE, D.E. **Em direção a uma Geografia Cultural radical: problemas da teoria**. In: CORREA, R.L.;ROSENDAHL, Z. (Org). Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 103-134.

DOMINGUES, J. M. **Criatividade Social, Subjetividade Coletiva e a Modernidade Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 1999.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Trad.: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DULLIUS, F.; WAGNER, G.P. **A Maçonaria na Arte Funerária do Rio Grande do Sul**. In: BELLOMO, H.R. (org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul – arte, sociedade – ideologia. Porto Alegre: Edipuc, 2000.

ECO, H. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FERRARA, L. D. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: Edusp, 2000.

FERREIRA, R. **Entre o Sagrado e o Profano**. O lugar social do professor. 2 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 1999

FUNARI, P.P. **Cultura Popular na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Contexto, 1996. (Col. Repensando a História).

GIL FILHO, S. F. **Espaço de Representação**: uma categoria chave para a análise cultural em geografia. Artigo apresentado originariamente no 5º Encontro Nacional da AMPEGE sob o título: Espaço de Representação: Epistemologia e Método. 2003.

_____. **Por uma geografia do sagrado. Ra'e Ga O Espaço Geográfico Em Análise**. Curitiba: , V.05, P.67 - 78, 2001. Disponível em <http://www.geog.ufpr.br/geografiadareligiao/arquivos.htm> - acessado em 08 nov 2005.

GREGORY, D. Teoria social e geografia humana. In: GREGORY,D.;MARTIN,R; SMITH,G. (org) **Geografia Humana, Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Trad. Mylan Isaak. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

GUSDORF, G. **Tratado de Metafísica**. São Paulo: Ed. Nacional, 1960.

HINELLS, J.R.(Org.) **Dicionário das Religiões**. Trad.; Octávio M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1995.

HOEBEL, E. Adamson. **El Hombre en el Mundo Primitivo**. Editorial Omega: Barcelona, 1961.

JOVCHELOVITH, S. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAZIER, H. **Paraná: Terra de todas as gentes e de muita história**. Francisco Beltrão: Grafite, 2003.

_____. **Origem de Porto União da Vitória. Porto União, SC: Uniporto, 1985 (Coleção Vale do Iguaçu, nº 51)**.

LE GOFF, J.; SCHIMITT, J. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Trad. Hilário Franco Júnior (Coord.) São Paulo: EDUSC, 2002. (V II).

LIMA, L.M. **A Coluna Prestes: Marchas e Combates**. São Paulo: Alfa-ômega, 1979.

LINTON, R. **O Homem. Uma Introdução à Antropologia**. 10 ed. Trad.: Lavínia Vilela. São Paulo: Martins Fontes, 1976

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Trad. Maria C. T. Afonso. Lisboa: Edições 70, 1997.

LLOYD, C. **As estruturas da história**. São Paulo, Zahar, 1995

MEIHY, J.C.S. **Tempo e Morte nos Cemitérios do Vale do Paraíba**. Aparecida: Santuário, 1983.

MELLO, A. S. **Religião: Prós e Contras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. (Vol. 1).

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**. Investigações em Psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

QUEIROZ, M.V. (org) **Messianismo e Conflito Social: a guerra sertaneja – 1912-1916**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

QUINTANILHA, M.A. **BREVE DICIONÁRIO FILOSÓFICO**. Trad. Laura Nair Silveira Duarte. 2 ed. Aparecida, SP: Santuário, 1996.

RAIMUNDO, C.P.; ALMEIDA, W.C. de. **Dicionário Imobiliário**. Florianópolis: Editora Imobiliária, 2002.

REALE, M. **O Homem e seus horizontes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

REIS, L.M.;BOTELHO, A.V. **Dicionário Histórico Brasil**. Colônia e Império. Belo Horizonte: Dimensão, 1998.

REY, F.G. **Sujeito e Subjetividade**. Trad. Raquel S.L. Guzzo. São Paulo: Thomson, 2003.

SANTO AGOSTINHO. **A verdadeira religião. O cuidado devido aos mortos.** São Paulo: Paulus, 2004.(Patrística;19).

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SEBBEN, U.A. **Um estudo da História de União da Vitória.** Porto União: Uniporto, 1992.

SHORTER, A.S. **Os Deuses Egípcios.** Trad. Hugo Mader. São Paulo: Cultrix, 1993.

SILVA, J.A. F. **Tratado de Direito Funerário.** São Paulo: Método Editora, 2000. Tomos I e II.

SILVA, R. H. A. da; SOUZA, C. de S. Múltiplas cidades: entre morros e asfaltos. In: GUIMARÃES, C; VAZ, P. B.; SILVA, R.H.; FRANCA, V.(Org.) **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TONON, E. **Ecos do Contestado: rebeldia sertaneja.** Palmas: Kaigang, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

ULLMANN, R. A. **Antropologia Cultural.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia S. L. de Brindes, 1980

VAINFAS, R. **História das Mentalidades e História Cultural.** In: CARDOSO, C.F.;VAINFAS, R.(Org.) **Domínios da História.** Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: ELSEVIER/Campus, 1997.

VAZ, P.B.; MENDONÇA, R.F.; ALMEIDA, S.C.P. **Quem é quem nessa História? Iconografia do livro didático.** In: GUIMARÃES, C; VAZ, P. B.; SILVA, R.H.; FRANCA, V.(Org.) **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. P. 47-86.

VOVELLE, M. **Imagens e Imaginários na História.** Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. Trad.: Maria J. Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.

WACHOVICZ, R. C. **História do Paraná.** 2 ed., Curitiba: Editora dos Professores, 1968.

WAGNER, P. MIKESELL, M. **Os Temas da Geografia Cultural.** In: CORREA, R.L;ROSENDAHL, Z. (Org). **Introdução à Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. P. 27-61

ANEXO

(O ANEXO É O CROQUI DO CEMITÉRIO O QUAL, DEVIDO AO SEU FORMATO E DIMENSÕES NÃO PODE SER CONTIDO NA VERSÃO DIGITALIZADA DESTA DISSERTAÇÃO).

PODE SER CONFERIDO NA VERSÃO IMPRESSA DEPOSITADA NA BIBLIOTECA GERAL DA UFPR OU NA SECRETARIA DA COORDENAÇÃO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA.